

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO.
CURSO DE JORNALISMO

NATÁSSIA DOS SANTOS FERREIRA

REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NA REVISTA *DONNA*

PORTO ALEGRE

2019

NATÁSSIA DOS SANTOS FERREIRA

REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NA REVISTA *DONNA*

Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo a ser apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Sandra de Deus

PORTO ALEGRE

2019

NATÁSSIA DOS SANTOS FERREIRA

REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NA REVISTA *DONNA*

Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo a ser apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Sandra de Deus
Orientadora

Prof.^a. Dra. Thaís Helena Furtado
Examinadora

Doutoranda Eutalita Bezerra da Silva
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, em primeiro lugar, por ter me concedido mansidão na trajetória acadêmica, além de força e sabedoria.

Agradeço à minha família por toda paciência, todo amor, todo carinho e todas palavras de conforto nos momentos difíceis. Em especial à minha mãe, Geni, a quem dedico este trabalho. Seu esforço me ajudou a chegar até aqui e, por isso, a vitória é dela, também.

À minha irmã, que sempre me apoiou e esteve presente quando precisei.

Ao meu pai, que sempre nos incentivou a estudar e nunca desistir.

Ao meu namorado pelo apoio, por servir de psicólogo quando mais precisei e por todo carinho ao longo desse percurso.

Aos amigos que de alguma forma ajudaram, por de uma palavra amiga ou mensagem carinhosa.

Aos meus avós que não estão mais entre nós, mas que tenho certeza que ficariam muito felizes por essa conquista.

Um agradecimento especial à professora Sandra de Deus. Sou grata pela orientação, dedicação, apoio, conhecimentos e confiança. Esse empenho todo fez a diferença nessa pesquisa. Obrigada.

Ainda, dedico essa monografia às mulheres negras que a lerão e espero que, de alguma forma, esse trabalho possa ser útil a elas.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar de que forma as mulheres negras estão sendo representadas na Revista *Donna*. A pesquisa parte de uma análise histórica, para mostrar como o período escravocrata afetou socialmente as pessoas negras, e como isso se reflete até os dias atuais; além disso, foi dedicado um capítulo para abordar as mulheres negras na mídia. Se fez necessário falar do objeto (Revista *Donna*) e do jornal ao qual pertence esse suplemento criado em 1993. Busca-se entender qual o olhar de *Donna* para a mulher negra, identificando as marcas estabelecidas para a análise. Conseqüentemente, fez parte dessa monografia a identificação do racismo que marca a vida das pessoas negras, bem como mostrar que essas mulheres são as mais afetadas com as desigualdades em nossa sociedade. Para isso foi utilizado o método da análise de conteúdo de Bardin (2011), foi trazido também os pensamentos de Hooks (2019) que contribuíram para entender como o racismo e os pensamentos supremacistas brancos afetam negativamente a vida dos negros.

Assim chegou-se a conclusão que, mesmo que a revista aborde a mulher negra, ainda é pouco, no entanto é um passo importante. Além disso, foi identificado que as questões de raça trazidas nas matérias, parte em sua maioria das fontes.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Revista *Donna*. Racismo. Representatividade.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how black women are being represented in the *Donna* Magazine. The research begins with a historical analysis to highlight how the period of slavery socially affected black people and how that is still current. A chapter of this paper has been devoted to address black women in the media. It was necessary to talk about the research subject (*Revista Donna*) and the newspaper which created this magazine in 1993. The main goal is to understand what is *Donna's* perspective towards black women, identifying the marks established for the analysis. Consequently, it was part of this discussion to identify the racism that marks the lives of black people, furthermore showing that these women are the most affected with inequalities in our society. For this we used the method of content analysis of Bardin (2011), also brought the thoughts of Hooks (2019) that contributed to understand how racism and white supremacist thoughts negatively affect the lives of blacks.

Thus it came to the conclusion that even if the magazine addresses black women, it is still small, but it is an important step. In addition, it was identified that the issues of race brought in the materials, mostly part of the sources.

Keywords: Black Women. *Donna* Magazine. Racism. Representativeness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Matéria sobre a cineasta Camila de Moraes	43
Figura 2 - Camila fala falando sobre o seu trabalho	43
Figura 3 - Cuidados com a pele negra	45
Figura 4 - Dicas para a pele	45
Figura 5 – Box braids na cabeça	46
Figura 6 – Tranças que realçam a beleza	46
Figura 7 – Relato da Monique	48
Figura 8 – Relato da Monique dois	48
Figura 9 – Monique se descobrindo mulher negra	48
Figura 10 – Mulheres	48
Figura 11– Minha pele escura	50
Figura 12 – Reconhecimento	50
Figura 13 – Representatividade	50
Figura 14 – Racismo não escolhe idade	50
Figura 15 – Busca-se representatividade	50
Figura 16 – Passado doloroso	50
Figura 17 – Crespa platinada	53
Figura 18 – Quem mais morre é o negro	54
Figura 19 – Driblando obstáculos	54
Figura 20 – Mais uma vez a representatividade	54
Figura 21 – A voz da Karol	56
Figura 22 – Mulher negra no mundo	57
Figura 23 – Perigo	57
Figura 24 – Medo para viajar	57
Figura 25 – Somos invisíveis	57
Figura 26 – É preciso falar do racismo	59
Figura 27 – Vozes contra o preconceito	59
Figura 28 – Indignação	59
Figura 29 – Beleza	61

Figura 30 – Voando alto	62
Figura 31 – Reconhecimento internacional	62
Figura 32 – Diversas temáticas	62
Figura 33 – Passando ensinamentos	62
Figura 34 – Queremos nossos espaços	63
Figura 35 – Djamila	63
Figura 36 – Pele	65
Figura 37 – É possível	66
Figura 38 – Politicamente correto	66
Figura 39 – Corpos negros não são objetos	66
Figura 40 – Falando de cabelo	69
Figura 41 – Buscando referências	70
Figura 42 – Qual é o perfil?	70
Figura 43 – Mulher negra na tecnologia	72
Figura 44 – Ser exemplo	72
Figura 45 – Luta pela causa	72

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Atlas da violência 2007-2017	22
Gráfico 2 – Demonstrativo seções	42
Gráfico 3 – Marcas identificadas	74
Gráfico 4 – Critérios identificados	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O PAPEL DO JORNALISMO	17
3 NEGRO: ESCRAVIDÃO E RACISMO	21
3.1 Mulher Negra	26
4 PERCURSO METODOLÓGICO	33
5 JORNAL ZERO HORA	37
5.1 Revista Donna	38
6 MULHER NEGRA NA REVISTA DONNA	41
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
8 REFERÊNCIAS	76

1. INTRODUÇÃO

A ideia inicial do projeto foi trabalhar com negritude, mulher e moda. Os caminhos iniciais foram as redes sociais, como o *Youtube* ou *Instagram*, para falar de empoderamento da mulher negra e representatividade. Porém, fui lapidando as ideias até chegar em algo mais palpável e próximo da nossa realidade. Ainda, com a ideia de abordar moda, vejo que não consegui um enfoque que sustentasse o trabalho. Sendo assim, continuei com a premissa de trabalhar a mulher negra e a representatividade dessas mulheres na Revista *Donna*. Antes de chegar à *Donna*, trouxe comigo aspectos que me atravessam.

Quando criança, não entendia porque não brincava com bonecas parecidas comigo, ou nos filmes e desenhos não enxergava personagens da minha cor. Meu cabelo era trançado e com o tempo foi alisado. Para mim, meu cabelo natural era “ruim” e essa percepção me acompanhou até a vida adulta. Digo que em nenhum momento sofri racismo de forma escancarada, nunca, mas agora vejo que desde pequena sofri racismo e que vivo num mundo racista, que sempre vai ver antes a cor da pele para depois ver o conteúdo.

Com os anos, fui percebendo que pessoas negras sofrem racismo simplesmente pela cor da pele; eu, mulher, numa sociedade machista; eu, enquanto mulher negra, numa sociedade racista; eu enquanto mulher negra da periferia, estudante de universidade federal, tenho a responsabilidade social de ocupar esse espaço; é obrigação devolver à população um trabalho que não seja apenas mais um trabalho.

Ver pessoas negras, ainda mais mulheres negras, em espaços de destaque é algo raro no Brasil. A mulher negra está na base da pirâmide social que coloca homens brancos, mulheres brancas, homens negros na parte superior dessa pirâmide (RIBEIRO,2019); aspectos de raça e de classe interferem na vida dessa mulher.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD indica em dados do ano de 2016 que a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros, e a taxa de homicídios de mulheres negras foi 71% superior à de mulheres não negras. As mulheres negras, em sua maioria, enfrentam esse dura realidade de opressão e de exclusão, ocasionados pelo racismo. Esses fatores são afirmados, por exemplo, pelos dados do Dossiê Mulheres Negras, um retrato das condições de vida das mulheres negras, publicado em 2013 em parceria com o Ipea – Instituto de Pesquisa Aplicada, que apontam que as piores condições de renda levam até as famílias chefiadas por mulheres negras: 69% possuíam, em 2009, renda familiar de até um salário mínimo; valor que, entre as brancas, era de 42,7%. Essa diferença de renda e altos índices de violência são só pequenos aspectos de um grande emaranhado e complexo sistema de opressões que rodeiam as mulheres negras e que agrava outros setores como a falta de acesso a condições mínimas de educação, segurança e saúde. Ou seja, são dados que mostram que o racismo e a desigualdade são latentes em nossa sociedade.

A partir da leitura do livro *Olhares negros – raça e representação*, de Bell Hooks, entendi que a sociedade negra vem de um sistema de opressão, marcada pelo patriarcado branco, como a autora define. Bell Hooks destaca que essa opressão afetou e afeta muito a vida dos negros, pois falta aos negros modelos de representação, que nos obriga a criar e repensar novos modelos.

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos [...] (HOOKS, 2019, p.33)

A partir daí, percebi que ser uma pessoa negra na sociedade é uma constante reafirmação de quem nós somos, pois a todo momento, através da comunicação, nos é passada uma imagem distorcida de nós mesmos. Bell Hooks faz sua abordagem através da leitura das mídias de massa, ou seja, acesso rápido para muitos.

Para o voo de início dessa monografia, parti da leitura de Bell Hooks, pois gostaria de falar sobre negritude e mulheres; após esse primeiro contato com a autora e experiências adquiridas dentro da universidade, atentei para algo sério. Muitas vezes eu era a única aluna negra em sala de aula, colegas negros podiam ser contados nos dedos, em todo o período de graduação tive apenas uma professora negra. Dentro da academia foi uma realidade dura e que de certa forma contribuiu para o desenvolvimento desse trabalho e para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. À época, a mídia televisiva gaúcha, mais precisamente a RBS, apresentava à frente de suas câmeras a jornalista Carol Anchieta como repórter, que ocupou o lugar do jornalista Manoel Soares; depois deles, quais jornalistas negros estão ou estiveram em evidência na imprensa gaúcha?

Vivemos em um país racista, onde as pessoas negras são as mais invisibilizadas e que carregam o peso de um longo período escravocrata. Sendo assim, será trabalhado o suplemento de fim de semana do Jornal Zero hora; a Revista *Donna*.

A Revista *Donna* é um suplemento dominical do jornal Zero Hora, que pertence ao Grupo RBS. Foi criada em nove de maio de 1993, como edição dominical, anunciada como um novo produto com “reportagens, entrevistas e artigos voltados especialmente para as mulheres”.

Segundo a Associação dos Dirigentes de Marketing e Venda do Brasil – ADVB/RS, quando em 2012 o caderno *Donna* passou a ser revista, aos 25 anos de existência, o suplemento de final de semana, se tornou uma das marcas com mais identificação da mulher gaúcha; ainda segundo a ADVB, mais precisamente as mulheres das classes A e B (74%) com idade predominante entre 20 e 49 anos com interesse em saúde, bem-estar e qualidade de vida. Dentre outros interesses específicos desse público se destacam beleza e estética, moda e vestuário, regime, dieta e nutrição – temas que *Donna* já vinha trabalhando em seu caderno semanal.

Para a presente pesquisa foi feito um recorte no material, que compreende de janeiro a julho de 2019, totalizando 30 exemplares, para que se consiga compreender como são apresentados ao

público consumidor da revista os conteúdos que abordam as mulheres negras, compreender como são trabalhados os conteúdos produzidos pela revista que falem sobre as mulheres negras. Para chegar a tais questionamentos se pensou no seguinte objetivo geral: **Compreender quais temas são mais associados às mulheres negras a partir de matérias publicadas na Revista *Donna***. Já os **objetivos específicos** são:

1. Mapear as edições da Revista *Donna* em que aparecem mulheres negras no período de janeiro a julho de 2019;
2. Identificar critérios de noticiabilidade associados às matérias para apontar as principais ideias da publicação;
3. Discutir sobre os principais temas encontrados associados às mulheres negras.

A bibliografia utilizada para contribuir com os objetivos específicos foram as próprias Revistas *Donna*. Para os critérios de noticiabilidade foi utilizado (TRAQUINA, 2005); neste último, se estabeleceu para a análise os critérios de noticiabilidade de proximidade “sobretudo em termos geográficos, mas também em termos culturais” e relevância, “este valor notícia corresponde à preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas” (TRAQUINA, 2005, p.80). Os demais critérios ocupam um capítulo à parte para suas descrições.

Para informações sobre a revista foi consultado o site do Grupo RBS, site da Associação dos Dirigentes de Marketing e Vendas do Brasil. Para o desenvolvimento da pesquisa foi aplicado o método de análise de conteúdo que considera significar seu conteúdo através da escolha de uma palavra sobre a qual será exigida a pesquisa (BARDIN, 2011), com aplicação de técnica de análise qualitativa que é usada para especificidades de acontecimentos ou “uma variável de inferência

precisa”. Funciona sobre “*corpus* reduzido e estabelece categorias mais discriminantes.” (BARDIN, 2011).

Na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) identificou-se outros estudos que tratam da mulher negra, mas que não contemplam exatamente a minha pesquisa. Por exemplo, *Negras! Somos todas Maju: Um estudo sobre o racismo no Jornal Nacional* (Marihá Gonçalves da Silva, 2017); *Cabelo Ruim? A representação do cabelo crespo na publicidade brasileira* (Juliana de Melo Balhego, 2016); *Da curvatura 1A a 4C: A representação do cabelo da mulher negra através do olhar sobre as personagens Olivia Pope e Annalise Keating* (Katiúscia Beatriz dos Santos Machado, 2018); *A identidade da mulher negra e suas articulações com consumo midiático* (Pâmela Ramos de Souza, 2017); *A representação do negro na revista raça Brasil: breve análise sobre as construções de identidade e cidadania* (Ana Paula da Silva e Souza, 2007); *Eu me vejo, eu me reconheço: a perspectiva da mulher negra sobre a publicidade de moda* (Tatiane de Oliveira Alves, 2016); *Blogueiras Negras: um espaço de ativismo e resistência da mulher negra* (Jennifer da Silva Dutra, 2017); *Atinuké: estratégias de comunicação e fortalecimento entre mulheres negras* (Thayse Uchôa de Souza Rosa, 2018).

Para melhor compreensão o estudo está dividido em seis partes. No segundo capítulo é abordado o papel do jornalismo com destaque para os critérios de noticiabilidade seguindo orientações de Franciscato (2005) e Traquina (2005). No terceiro capítulo, intitulado *Negro: escravidão e racismo*, aborda-se como os negros foram marcados pela escravidão e de que maneira essa marca se perpetuou até os dias atuais; aqui foram utilizadas as contribuições de Hall (2016), Munanga (2013), além de Schumacher e Brazil (2007), que foram fundamentais para a abordagem das questões de raça e da história do Brasil no período escravocrata, respectivamente. No capítulo metodológico está definido o objeto e a metodologia a ser utilizada, destacando que o conteúdo sobre a Revista *Donna* foi necessário para contextualizar o leitor sobre o produto dessa pesquisa;

aqui foram obtidos dados do site do grupo gestor da revista, do site de *Donna*, e também foi feito um apanhado geral sobre a criação, a história do suplemento, seu público alvo, seus segmentos e mais o que se fez necessário para o melhor entendimento do objeto.

Já no quinto capítulo tratamos da mulher negra na Revista *Donna* analisando cada um dos conteúdos publicados que fazem referência a beleza, racismo e representatividade para chegar ao final do estudo com algumas definições sobre como a mulher negra está sendo representada na Revista.

2. O PAPEL DO JORNALISMO

Para compreender como um acontecimento ganha notoriedade no jornalismo é necessário levar em consideração os critérios de noticiabilidade. Segundo Franciscato, o termo define o que vira “notícia” ou não. Trata-se de “um conjunto de referências estáveis na rotina jornalística de trabalho que, analisadas em sua regularidade, revelariam a noticiabilidade de um evento.” (FRANCISCATO, 2005, p. 171). Seguindo o pensamento do autor, exige-se cautela para delinear o que é a notícia, pois é algo que carrega uma carga social e cultural definida por seu público-alvo. O jornalismo cria um elo com seu destinatário por meio da “intersubjetividade”, onde os aspectos do jornalismo se manifestam nessas relações, fazendo da instituição social do jornalismo um campo da legitimidade fundamental para as ações cotidianas, essa relação podendo ser rompida pelos usuários ou não. “Isto significa afirmar a ocorrência de uma interação comunicativa entre a instituição jornalística e seu público, em que ambos os interlocutores têm expectativas, necessidades e interesses sobre o conteúdo jornalístico [...]” (FRANCISCATO, 2005, p 172).

A instituição jornalismo, enquanto imprensa periódica, surgiu nos séculos XVII e XVIII e junto vieram a periodicidade que acabou acarretando em novos hábitos sociais, aponta Franciscato (2005). A partir do surgimento de novas formas de impressão, o jornalismo surge como uma atividade que colhe e dissemina notícias. Esses comportamentos contribuíram para fazer do jornalismo uma instituição social. Ao ser afetado por estas novas tecnologias e transformações sociais, atreladas à economia, que proporcionaram à atividade maior prestígio e que influenciaram a “vida política”, resultou em que o “jornalismo ganhasse gradativamente uma corporificação social para além de mero ofício.” (FRANCISCATO, 2005, p. 33). Franciscato diz que “o jornalismo cria e opera com diversos laços sociais”, e traz a periodicidade e a simultaneidade e cria um padrão de leitores, aspectos que levam o jornalismo a ser uma instituição social.

Segundo Franciscato, o jornalismo perpassa por características “sócio-históricas”, que dão a esta instituição singularidade e que fazem com que tenha compromisso e fidelidade com o real, bem como que produza e ofereça conteúdo a uma coletividade, em compromisso com as normas e fidelidade ao real, ao empreender sua atividade jornalística.

Como instituição social, o jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições. A instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas. (FRANCISCATO, 2005, p. 167)

O jornalismo se tornou um produto, com características específicas que fazem dele uma instituição; esse produto fixa um diálogo permanente entre diferentes interlocutores, seja na produção ou na recepção, mesmo que crie “situações de desigualdade na interlocução”, Franciscato (2005). Esse produto que o autor fala vem carregado das vivências do autor. Seus valores, sua visão de mundo e vida, andam junto com sua produção jornalística. Esses interlocutores para quem fala o jornalista receberão as informações de formas distintas, pois cada um carrega seus valores sociais na tomada de decisões e a percepção da notícia/fato é digerida de forma singular para cada indivíduo. Então, cabe ao jornalista ficar atento para transmitir essa informação da forma mais legível possível, para que seja compreendida por uma gama maior de pessoas.

Uma das características principais desta fala, desta escrita, é a sua qualidade de ser compreensível. Os jornalistas precisam comunicar através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes numa sociedade. Para atingir este público heterogêneo, a linguagem jornalística deve possuir certos traços que vão no sentido de ser compreensível. (Traquina, 2005, p. 46)

No campo do jornalismo, os valores notícias e os critérios de credibilidade são fatores que regem a instituição. Nelson Traquina (2005) define que “valores notícias” são atuantes em todo o processo da produção jornalística, desde a seleção até a realização da notícia. Traquina divide esses

valores em dois: de seleção e de construção. Os valores de seleção definem o que será notícia, enquanto os de construção definem como será produzida essa notícia.

O autor define categorias que fortalecem as notícias a partir de critérios nos dois tipos de valores notícias. Ele divide os critérios de seleção: morte (em crítica a esse valor no campo do jornalismo); notoriedade; **proximidade** (seja geográfica ou cultural); **relevância** (que tenha algum impacto na vida das pessoas); novidade (critério muito apreciado pelos jornalistas); tempo (relativo ao tempo da notícia); notabilidade; inesperados (coisas que causem surpresa); conflito (associado à violência); escândalos; disponibilidade (facilidade para fazer a cobertura; equilíbrio (“peneirar” o tempo de validade da notícia); visualidade e concorrência.

Os valores notícia de seleção se dividem em dois subgrupos: critérios substantivos e critérios contextuais. Os critérios substantivos se referem aos acontecimentos de acordo com a sua importância e a relevância deste virar notícia. Por sua vez os critérios contextuais se referem a produção da notícia de acordo com Traquina (2005).

Os critérios de construção se dividem em: simplificação (algo que seja de fácil entendimento do público); amplificação (maior a disseminação da notícia, mais ela será notada); relevância; personalização (valorizar as pessoas envolvidas) e dramatização.

Os valores notícias são mutáveis, não podem ser pensados como se fossem regras. “Os valores notícia não são imutáveis, com mudanças de uma época histórica para outra, com sensibilidades diversas de uma localidade para outra, tendo em conta as políticas editoriais.” (TRAQUINA, 2005, p. 95)

Os valores notícia sofrem por esses fatores, como a conduta editorial da empresa, a interferência das fontes etc. Segundo Traquina, os valores notícia são afetados através do contexto histórico em que a sociedade está inserida e estes, por sua vez, não são fixos, “mas os critérios de noticiabilidade são duradouros ao longo dos séculos”. (TRAQUINA, 2005, p. 96). Assim,

compreende-se que os critérios de noticiabilidade sofrem influência, tanto do jornalista, quanto da empresa, através da linha editorial da mesma. Os valores notícia são flexíveis e junto deles vem a carga social de quem vai produzir essas matérias; no entanto a ideia de que isso fará do campo jornalístico mais diverso é enganadora. Segundo Traquina, há muitos valores notícia, porém isso não faz do jornalismo um terreno heterogêneo. Através da análise dos critérios de noticiabilidade se pretende enxergar como a Revista Donna, objeto desta monografia, aborda em suas matérias as mulheres negras. Os critérios de noticiabilidade vão contribuir também para ver o que a mulher negra está falando e o que o suplemento aborda sobre elas. Num primeiro levantamento a questão do racismo aparece com certa frequência.

3. NEGRO: ESCRAVIDÃO E RACISMO

A imagem dos negros no Brasil está diretamente ligada a um passado sombrio e muito cruel da nossa história. Os povos europeus, mais precisamente os portugueses, nas suas expedições para “descobrirem” novas terras, encontraram também povos, que na época, eram tidos como exóticos por não se enquadrarem no modo europeu de ser. Com o regime de colonização, os portugueses foram os responsáveis por manter outros povos do continente africano sob o regime de escravidão. De lá, as pessoas negras eram trazidas à força, em navios negreiros, em condições de muita humilhação e meios subumanos. “Estudos mostram que entre meados do século XVI e a década de 1850, foram traficados para o Brasil em torno de quatro milhões de pessoas escravizadas” (SCHUMAHER E BRAZIL, 2007, p. 15).

As consequências desse regime perverso mantêm uma marca em nossa sociedade. Mesmo tendo passado mais de 130 anos desde a abolição da escravatura, os negros sofrem com um regime que naturalizou o preconceito. A Lei Áurea, que aboliu a prática no país, não foi suficiente para derrubar a barreira do racismo, da desigualdade e da discriminação que rodeia as pessoas negras até hoje.

O processo abolicionista foi profundamente marcado pela ausência de políticas públicas voltadas para a integração das comunidades afrodescendentes. A assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888 não representou a incorporação igualitária dessas pessoas na sociedade livre. Ao contrário disso, reforçou redes de desigualdade social construídas sob a ótica da dominação colonial. (SCHUMAHER E BRAZIL, 2007, p. 229)

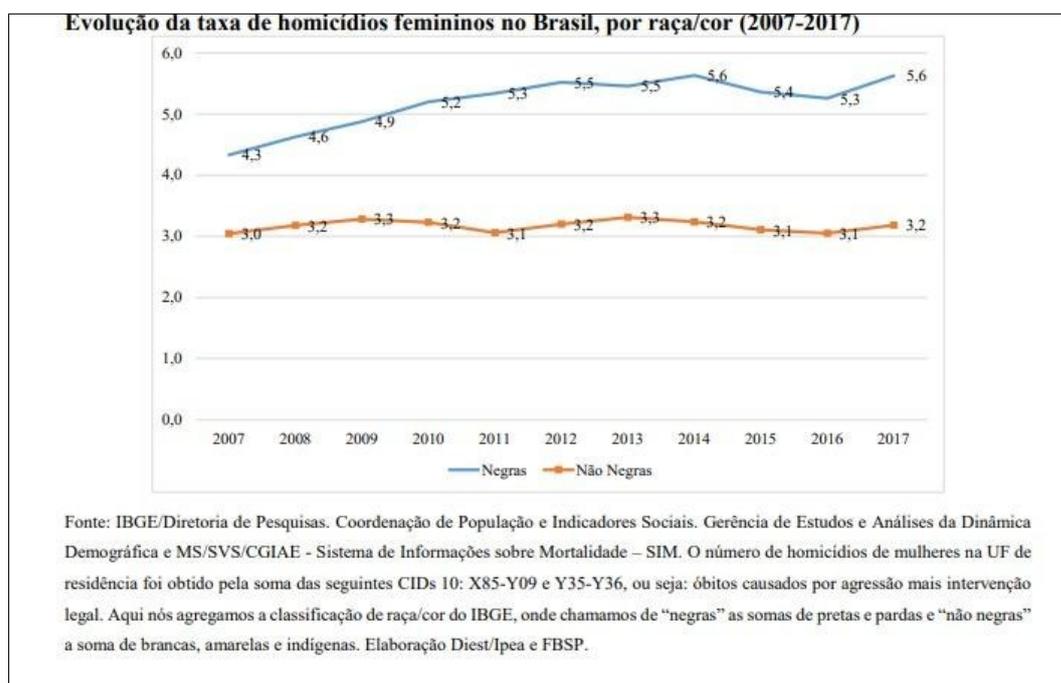
De acordo com dados da Agência IBGE de 2016, os negros são os que mais enfrentam as desigualdades, sejam elas salariais ou de educação. A taxa de analfabetismo ficou em 4,2 % para

brancos e 9,9 % para negros e pardos; o rendimento também foi menor entre os negros: R\$ 1.570,00 contra R\$ 2.814,00 entre os brancos. Isso só reforça a sociedade desigual em que estamos inseridos, fato esse que foi marcado pela escravidão e falta de interesse em propor alternativas para aqueles cativos recém-libertos se instalarem da melhor forma.

Os negros e as negras, infelizmente, acabam ocupando os menores cargos e conseqüentemente recebendo bem menos, outro reflexo deixado pela escravidão. Segundo Schumacher e Brazil (2007) as pessoas negras ocupam a base da pirâmide econômica, e as mulheres negras são as mais atingidas por esse sistema racista. “Essa parcela da população não é homogênea; existe nela uma hierarquia em que mulheres negras ocupam os postos mais desvalorizados e recebem os menores salários.” (SCHUMACHER E BRAZIL, 2007, p. 229).

A desigualdade marcada pela cor é também a que mais mata a população negra brasileira, e evidencia a dificuldade do país em propor políticas públicas eficientes para essa parcela. O Atlas da Violência de 2019 registrou que 66% das mulheres assassinadas em 2017 eram mulheres negras.

Gráfico 1 – Atlas da Violência 2007 – 2017



Ainda segundo o Atlas da Violência de 2019, em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros (definidos aqui como a soma de indivíduos pretos ou pardos, segundo a

classificação do IBGE, utilizada também pelo SIM). Ou seja, esses números mostram que as pessoas negras são as que mais morrem no país. Os grupos em maior vulnerabilidade social, são os mais atingidos pelo descaso do governo, que não propõe políticas públicas para essas pessoas.

Em resumo, constatamos em mais uma edição do Atlas da Violência a continuidade do processo de profunda desigualdade racial no país, ainda que reconheçamos que esse processo se manifesta de formas distintas, caracterizando cenários estaduais e regionais muito diversos sobre o mesmo fenômeno. Portanto, pelo que descrevemos aqui, fica evidente a necessidade de que políticas públicas de segurança e garantia de direitos devam, necessariamente, levar em conta tais diversidades, para que possam melhor focalizar seu público-alvo, de forma a promover mais segurança aos grupos mais vulneráveis. (Atlas da Violência 2019)

Stuart Hall (2016) vai explicar que existem práticas para demarcar a diferença racial e dar significado ao “Outro”, esse “Outro” racializado atrelado à cultura do ocidente. Tais demarcações deram início ao que Hall vai chamar de “representações culturais”. No século XVI, existiu o primeiro contato entre os comerciantes europeus com os reinos africanos, de onde saíram os negros escravizados. Outro momento se deu com a colonização e a partilha da África entre os países europeus mais poderosos da época, meio que esses países tiveram para controlar o território e a matéria-prima dos países africanos. E por último, os grandes eventos de guerra, que ocasionaram as migrações, dentre os quais se destaca o pós-Segunda Guerra Mundial. As ideias sobre “raça”, vindas do ocidente, reforçaram a imagem da diferença racial (Hall, 2016).

Kabengele Munanga (2003) também vai falar sobre os conceitos e definições de raça e como isso influenciou a instalação do racismo. Ele vai explicar as definições de raça, que vieram das ciências naturais, inicialmente da zoologia e botânica, para a classificação dos animais e plantas. Essas ideias de classificação foram incorporadas para os humanos.

No século XVIII, a cor da pele foi considerada um critério fundamental e divisor d'água entre as chamadas raças. Por isso, que a espécie humana ficou dividida em três raças estanques que resistem até hoje no imaginário coletivo e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela. (MUNANGA, 2003)

Através desses pensamentos trazidos por Hall e Munanga, fica claro que existiram fatores que levaram os europeus a escravizar e racializar o “Outro”, pois o diferente é tratado com desigualdade. Muito antes dos eventos de guerra citados pelo autor, o continente africano foi visto com bons olhos, mas essa imagem foi se desfazendo. “Na Idade Média, a imagem que a Europa tinha da África era ambígua – um lugar misterioso, mas muitas vezes visto de modo positivo [...]” (Hall, 2016, p. 161-162). Ainda sob a luz de Munanga, no que ele aborda sobre raça e como se dá essa classificação, fica evidente que apenas serviu muito mais para dividir as sociedades do que para fins científicos de fato. “A classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudo-científica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX.” (MUNANGA,2003). Ainda segundo o autor, aos poucos essas ideias foram saindo do campo científico e se estranhando nos “círculos intelectuais e acadêmicos” como forma de difusão nas sociedades “ocidentais dominantes” que usaram esses estudos como forma para subjugar outras sociedades que eram consideradas “menores”.

Negro, ou toda outra etnia que não a branca, sofre em ser o “Outro” e é tratado como o “Outro”; esse pensamento, como já citado, vem do período da escravidão e até mesmo antes, como trazido por Hall, na Idade Média com o pensamento ambíguo dos europeus naquele período. As ideias do iluminismo, o século das luzes, também influenciaram para que os africanos e outros povos que não europeus fossem vítimas do processo de colonização.

O colonialismo é um fator que afeta a existência e o modo de ser das comunidades que foram colonizadas; esse pensamento afeta os negros também, as maiores vítimas desse processo. A pessoa negra é a maior vítima de toda a violência e discriminação de um país doente que tem a ideia de colônia entranhada em si e nas pessoas. Por falar em colonialismo, tivemos o caso do jovem que foi torturado por seguranças de um supermercado, no estado de São Paulo. O adolescente, que é negro, foi torturado por cerca de 40 minutos.

Neste caso, tem-se a dimensão do racismo no Brasil, pois esse jovem é vítima de um sistema que se iniciou há 131 anos. A escravidão é uma cicatriz aberta na vida dos negros brasileiros, que são expostos ao perigo constantemente. O ato do roubo não justifica tamanha crueldade, então fica o questionamento: se o furto fosse praticado por uma pessoa branca, ela seria espancada? A trajetória desse rapaz nos mostra um histórico que vem desde o período mais sombrio da nossa história, a escravidão: dependente químico, perdeu o pai, a mãe é alcoólatra e ele vive nas ruas desde os 12 anos, ou seja, fatores de risco que levam a atos extremos. Isso só evidencia que famílias desestruturadas, sem base alguma para dar apoio, ou famílias que jamais receberam algum tipo de apoio, são apenas vistas como negros favelados e são escanteadas sem nenhum tipo de auxílio ou políticas públicas para auxiliá-los.

Marcas da escravidão se fazem presentes até hoje: corpos negros, pessoas negras sendo marcadas a chicote em pleno século XXI. “A maioria carrega uma mancha escura no rosto”, uma “perna manca”, pode ser “cego de um olho”, ter “um dedo cortado”, e as cicatrizes estão por toda parte (no queixo, nas pernas, no dorso, nos braços)”. Barbosa, 2016, p. 54 apud Diário do Rio de Janeiro, 5, 7 e 11 de janeiro de 1850, p. 4.

O racismo é latente na vida das pessoas negras, tanto para homens e mulheres; no entanto a mulher preta é a mais atingida por um sistema racista, machista e patriarcal. Assim, essa mulher está sujeita aos preconceitos triplamente, pois seu lugar na sociedade é a base da pirâmide social.

Visto esse breve apanhado histórico, no capítulo a seguir serão abordadas questões sobre a mulher negra na mídia.

3.1. Mulher negra

As mulheres sempre foram alvo do machismo enraizado na sociedade, são discriminadas, recebem os salários mais baixos, são vítimas da violência apenas por serem mulheres. No entanto, a mulher negra, por sua vez, sofre com esses fatores e com o racismo que a põe em lugar de muita inferioridade na sociedade. “Reconhecer o status de mulheres brancas e homens negros como oscilante nos possibilita enxergar as especificidades desses grupos e romper com a invisibilidade das mulheres negras” (RIBEIRO, 2019, p. 39). O peso da masculinidade e do machismo deixam a mulher negra em lugar de subalternidade, afetando o seu olhar sobre si mesma, ou seja, dificultando se enxergar enquanto sujeito. Segundo Collin¹ (2016, p. 105. Apud RIBEIRO, 2019, p. 43-44), “[...] homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo masculino branco”. Logo, a mulher negra ao conseguir romper as barreiras irá se fortalecer para ultrapassar essas normas colonizadoras.

Ser mulher no mundo já é algo desafiador, e ser negra é mais desafiador ainda. Desde os tempos árdios da escravidão, as mulheres que foram trazidas e escravizadas eram vítimas de todo tipo de violência. Vale ressaltar que, tanto os homens quanto as mulheres que vieram da África para cá, vieram sem poder sobre seus corpos. A violência sofrida é algo sem precedentes, muitas ou quase todas eram violentadas por seus senhores, que através da análise dos corpos dessas mulheres escolhiam a melhor para o trabalho braçal, e os atributos sexuais eram vistos como um fator para a compra dessas pessoas. “Eva não foi a única a ficar sob o olhar analítico de representantes de uma sociedade escravista que pressupunha a apropriação de pessoas e buscava em seus corpos

¹ COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/RmjB7R>>. Acesso em 12 set. 2017.

características para os usos e abusos no trabalho forçado e na subjugação sexual.” (Schumaher e Brazil, 2007, p.20).

A questão da negritude e da escravidão são fatores que levaram à construção estereotipada da imagem do negro, que em muitos casos é tido como o malandro, ou a mulher fácil, “boa de cama”. Ou seja, muito desses aspectos negativos sobre a mulher negra são originários do período colonial. “A sociedade colonial e escravista contribuiu imensamente para a criação do mito de mulheres quentes, atribuído, até hoje, às negras e mulatas pela tradição oral e disseminado no meio intelectual através da literatura.” (CARNEIRO, 2019, p. 154). Durante todo o período da escravidão, a imagem da mulher é limitada ao sexo e ao prazer. Segundo Carneiro (2019) essa carga colonial fez com que se criasse pontos negativos na luta das mulheres para o seu crescimento social.

Depois da abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, as pessoas negras não tiveram sua inserção na sociedade, permaneceram discriminadas e sem medidas para ajudar no processo de inserção à sociedade. Sem esperanças e sem ter onde morar, sem trabalho e aguentando o peso do racismo, as mulheres precisavam se submeter ao pior para sobreviverem.

As ofertas de emprego no mercado de trabalho continuaram restringindo a participação da mulher negra, e esta via-se obrigada a trabalhar como mucama, ama-de-leite, dama de companhia, ou então prostituindo-se, aproveitando-se de sua disseminada fama de “boa de cama” (CARNEIRO, 2019, p. 156-155)

Ao negro sempre foi destinado o secundário e com isso identificamos que a imagem da pessoa negra é marcada justamente para ser vista como o “diferente” pelo olhar do branco. A literatura, o cinema, peças publicitárias e afins são apenas alguns exemplos onde podemos ver esse “negro” marcado por estereótipos e em papéis de pouco ou nenhum destaque. Sueli Carneiro (2019) cita o escritor de “livros infantis do Brasil: Monteiro Lobato”. A pensadora traz o exemplo de uma das personagens de Lobato, a tia Anastácia, que é retratada como “uma senhora gorda, quase da

família, porque é empregada há muito tempo; cozinhou muito bem e sua atitude era de total subordinação, submissão, subserviência” (CARNEIRO, 2019, p. 157)

O estereótipo é algo que se faz presente quando falamos da mulher negra; ser mulher negra no Brasil é ser vista como alguém que saiba sambar e que tem um bom desempenho no sexo. Na mídia, a mulher negra passa despercebida, em papéis de domésticas, de negras faveladas ou em papéis de segundo plano; quando ganha destaque, mesmo assim precisa estar submissa ao branco. Na novela do autor Manoel Carlos, *Viver a Vida*, de 2009, a atriz Taís Araújo vive o papel de Helena, que mesmo sendo a protagonista, em determinada cena precisa se humilhar aos pés da personagem de Lilia Cabral. “A estereotipagem enquanto prática de produção de significados é importante para a representação da diferença racial.”, (Hall, 2016, p. 190). Marcando a diferença entre negros e brancos, o que é tido como “inferior” é posto de lado, quando se criam personagens assim, ou quando não há a visibilidade dos mesmos.

A especulação e apropriação dos corpos negros faz lembrar do caso da mulher africana Saartje Baartman, conhecida com a "Vênus Hotentote" (Hall, 2016, apud Gilman) ocorrido na Inglaterra em 1810. Saartje foi levada até aquele país em navio negreiro. A mulher foi exibida com regularidade em Londres e Paris. Tratada como animal selvagem, ela andava pela jaula quando a mandavam. Trazendo o caso de Vênus Hotentote, Hall explica a estereotipagem, fantasia e fetichismo. "Saartje Baartman tornou-se a personificação da ‘diferença’, (Hall, 2016, p. 203). Simbolicamente, ela não se enquadra no modelo europeu que se aplicava às mulheres daquela época. "[...] Estando fora de um sistema classificatório ocidental sobre como são "as mulheres", ela teve que ser construída como “Outro”, (Hall, 2016, p. 203).

Com a história dessa mulher africana que foi exposta de forma humilhante e tratada como objeto, pode-se ver que a pessoa negra é vista como um indivíduo “diferente”, mas no caso da Saartje, suas nádegas avantajadas fizeram dela uma atração e se criou o “exótico” aos olhos dos

européus. Nos dias de hoje, uma mulher com bunda grande é mais “apreciada” nos moldes da sociedade, em busca do corpo perfeito, e se esse corpo for um corpo negro, a exploração será maior.

Existe uma demarcação, com as ideias de Hall (2016) que usa os pensamentos de Dyer, explicando que os estereótipos se utilizam de características que são facilmente reconhecidas sobre determinada pessoa e, a partir disso, seus traços são reduzidos, após “*exagerados*” e “*simplificados*”. “Então, o primeiro ponto é que a estereotipagem reduz, naturaliza e fixa a “diferença”, (Hall, 2016, p.191). Essas demarcações criadas ao longo da existência da humanidade reforçam os de dentro e os de fora, e vão criando cisões cada vez mais marcadas, o que “pertence e o que não pertence ou é o ‘Outro’”; esses pensamentos sempre foram demarcações impostas pelos “tidos como os aceitos”.

O olhar construído sobre a mulher negra tem o fator da escravidão, como já mencionado anteriormente, a interferência do olhar europeu, que não enxergava a beleza em corpos negros (quando isto era visto, as mulheres eram estupradas ou viravam concubinas). A interferência desse olhar racista é algo que até hoje é presente nas vidas das mulheres negras. Muitas precisam se encaixar nos “padrões de beleza europeu” para serem bem-vistas: cabelo loiro, pele clara, olho claro, corpo esbelto. Sueli Carneiro e Bell Hooks abordam a questão do branqueamento da mulher negra, que se submete ou é submetida inconscientemente a isso para ser mais aceita diante dos brancos. Especificando uma abordagem de Sueli Carneiro (2019), a vinda dos imigrantes europeus para o Brasil foi fator propulsor para que a mulher negra tivesse seus traços negros apagados.

[...] vai se consolidando os estigmas e o destino social de negras e brancas dentro da lógica racista e sexista. E o processo de emancipação da mulher e de liberação sexual que ganham força a partir dos anos 1960 estabelecerão a absoluta hegemonia da branquidão como padrão privilegiado para a mulher, agora não mais somente do ponto de vista estético, afetivo ou de ideal de família burguesa branca, mas também do ponto de vista sexual para os homens e também para significativa parcela dos homens negros brasileiros, especialmente aqueles considerados socialmente “bem-sucedidos” (CARNEIRO, 2019, p. 158-159)

Bell Hooks aborda a questão sob a ótica do audiovisual e como essa prática, reforçada pela mídia, afeta a identificação da mulher negra, seja enquanto indivíduo de uma sociedade ou como de não se aceitar conforme a sua natureza.

Acompanhando o sucesso crescente da *drag queen* RuPaul – que criou uma imagem de beleza da “mulher” negra, reforçando uma estética de cabelos longos loiros lisos, uma aparência que sugere “se não posso ser uma mulher branca, posso pelo menos parecer uma cópia da coisa real” –, artistas, atletas, estrelas de cinema e cantoras negras todas começaram a ficar loiras. Isso abriu caminho para Beyoncé, uma jovem cantora negra, alcançar estrelato e riqueza sem precedentes. Na capa da revista *Time* como uma das cem pessoas mais influentes do mundo, ela usa seus cabelos loiros soltos, longos e lisos. Ao preservar essa construção da branquitude, vestindo calcinha e sutiã, Beyoncé dá continuidade ao estereótipo segundo o qual mulheres negras são mais ativas e abertas sexualmente que outros grupos de mulheres. A atriz Laverne Cox é mostrada em outra capa da revista *Time* com cabelos loiros longos e uma silhueta hipersexualizada. (Hooks, 2019, p.27)

A mídia, muitas vezes, reforça negativamente a imagem da mulher negra, seja em propagandas, filmes ou novelas. De um modo geral o que se vê é a negra escandalosa, sexualizada ao extremo, raivosa, porém nunca em papéis que valorizem e reforcem positivamente a imagem desta mulher. “Ao abrir uma revista ou um livro, ligar a TV, assistir a um filme ou olhar fotografias em espaços públicos, é muito provável que vejamos imagens de pessoas negras que reforçam e reinstituem a supremacia branca.” (HOOKS, 2019, p. 32).

Essa imagem estimada de “mulher ideal” reforça o racismo sofrido pelas mulheres, que não se enxergam na mídia ou quando se enxergam são em imagens depreciativas que não abrem o olhar dessa mulher para algo além. Por exemplo, se uma menina, mulher ou criança negra só ver atrizes negras em papéis pouco representativos, como essa pessoa desenvolverá uma imagem positiva de si e poder perceber que é possível ser mais do que nos é passado? A discriminação está enraizada no mais profundo âmago da sociedade, e esse tipo de representação afeta negativamente a vida dos negros em vários segmentos.

Só uma vez, no trabalho, eu sofri racismo diretamente: eu fui procurar um serviço e a moça disse que eu não era o perfil do trabalho, porque a empresa exigia uma pessoa loira. Mas, indiretamente, eu sempre soube e brigo muito, porque a gente ainda sente muito essa dor

nos negros. Eu sempre digo pras gurias desde pequenas, que a única coisa que tem diferença, isso eu sempre digo pra elas, é do pobre e rico é dinheiro, e do branco e negro é a cor. São pessoas, né? E a gente tem que lutar pelo lugar da gente. Assim eu vejo muito nos negros que a gente lida no dia a dia, no trabalho, que eles têm essa coisa de se sentir menos. (WERNECK, 2012, p.21) - Relato de Marilza Soares Sito

A hereditariedade de famílias negras mostra que o matriarcado é presente; na fala de Marilza Soares Sito, podemos perceber que existe uma preocupação em passar às filhas a consciência de que o racismo existe e, infelizmente, está presente na vida das pessoas negras. De família grande, Marilza, ajudou a avó a vender doces, sua mãe casou nova e teve muitos filhos, separada trabalhava nos fins de semana como cozinheira. Seu pai deixou a família e seu marido a abandonou também. Com esse breve histórico da vida de Marilza, podemos ver que o racismo e o machismo atravessam a mulher negra.

Por exemplo, ainda é muito comum a gente ouvir a seguinte afirmação: “mulheres ganham 30% a menos do que homens no Brasil”, quando a discussão é desigualdade salarial. Essa afirmação está incorreta? Logicamente não, mas do ponto de vista ético, sim. Explico: mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos que todos. (RIBEIRO, 2019, p. 39-40)

Ser mulher, e ser uma mulher negra, é muito mais desafiador, pois somos afetadas com uma carga imensa de preconceito.

[...] o ser mulher negra na sociedade brasileira se traduz na tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe, isto é, por força das contradições que o ser mulher negra encerra, recai sobre elas a responsabilidade de carregar politicamente bandeiras históricas e consensuais do movimento negro, do movimento de mulheres e somar-se aos demais movimentos sociais voltados para a construção de outro tipo de sociedade baseada nos valores da igualdade, solidariedade, respeito à diversidade e justiça social. (CARNEIRO, 2019, p.169)

Nas falas de Djamila e Sueli, mesmo sobre óticas distintas, extrai-se que a mulher negra é mais atingida por vários fatores, seja de raça, sexo, classe e isso influi sobre elas, direcionando-as para que busquem mais por igualdade e respeito. Sendo assim, precisamos compreender qual é o lugar dessa mulher na mídia, qual olhar estão dando para nós.

É essa falta de visibilidade ou visibilidade negativa que apontou como objeto de estudo a presença de mulheres negras na Revista *Donna*, suplemento do Jornal Zero Hora publicado nos finais de semana.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar o objetivo proposto – **Compreender quais temas são mais associados às mulheres negras a partir de matérias publicadas na Revista Donna** – este estudo se propõe realizar análise de conteúdo seguindo a orientação de Bardin (2011), que define o método como um conglomerado de técnicas que têm como foco a “interpretação de texto”. Ainda, Bardin vai definir a análise de conteúdo como sendo “um *conjunto de técnicas de análise das comunicações.*” (BARDIN 2011, p.37). Não é um método único, mas um leque de possibilidades que pode ser utilizado de forma bem versátil para ser aplicado no campo das comunicações.

O método criado por Bardin (2011) consiste em três fases de aplicação: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A pré-análise é o momento de organização, através de instituições que sistematizam as ideias de forma operacional, para que consigamos manusear e sistematizar as ideias iniciais. Ainda com a contribuição de Bardin (2011), ela divide esta primeira fase da análise em três etapas: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a interpretação final” (Bardin, 2011, p.125).

Por intuição formada pelo produto a ser analisado, se formulou uma pergunta: como são representadas as mulheres negras na Revista *Donna*? Partindo dessa pergunta, fomos verificar quais respostas seriam possíveis. Seguindo a orientação de Bardin (2011), a hipótese é “provisória” enquanto não se estabelecer os critérios de análise para que se comprove a formulação inicial. “O objetivo é a finalidade geral a que nos propomos” (Bardin,2011, p.128).

Para isso, fixamos marcas: **beleza**, **racismo** e **representatividade**; além dessas marcas foram utilizados os critérios de noticiabilidade de **relevância** e **proximidade**, estabelecidos por Traquina (2005). A identificação das marcas foi definida para compreender o que a revista está falando sobre a mulher negra, além de ser pertinente para elaboração e o direcionamento da

pesquisa. Em cada matéria analisada a proposta é identificar essas marcas. Os critérios de noticiabilidade aplicados na análise servem para identificar quais desses dois critérios *Donna* estabelece nessas matérias, ou se não estabelece nenhum critério para seleção do conteúdo.

O *corpus* estabelecido foi de 30 Revistas *Donna*, que compõem o período de janeiro a julho de 2019, variam de quatro a cinco edições por mês. Desse total, foram encontrados conteúdos que abordam a mulher negra em 18 edições de *Donna*. Foram encontrados desses conteúdos nas seções: comportamento, coluna, 360°, especial, cultura, beleza, capa e entrevista.

Visto isso, avançaremos na exploração do material. A Revista *Donna* é um suplemento dos finais de semana do Jornal Zero Hora, voltada para o público feminino, com assuntos como beleza, comportamento, moda entre outros. Segundo Rocha (2006) os suplementos jornalísticos têm um enfoque específico, diferente dos jornais diários e com assuntos direcionados para um determinado público. Entendido que a Revista *Donna* é um apêndice de Zero Hora, partimos para entender como é feito o tratamento das mulheres negras em suas páginas.

Para compreender da melhor forma a abordagem de *Donna* sobre as mulheres negras, é relevante trazer o pensamento de Marialva Barbosa, que explica que os negros escravizados lutaram por sua liberdade. A pretensão com isso é mostrar que, ainda hoje, existe uma tentativa de apagamento do negro na sociedade; no entanto os negros e negras conseguiram um “lugar de fala” Ribeiro (2019). “[...] há uma tentativa de deslegitimação da produção intelectual de mulheres negras e/ou latinas, ou que propõem a descolonização do pensamento.” (RIBEIRO, 2019, p.14). É uma abordagem que vai além das mulheres intelectuais e perpassa para as mulheres “comuns” também, que hoje enxergam que podem se posicionar e exigir seus direitos.

Por muito tempo, os negros foram excluídos da sociedade, foram “apagados” desde o período da escravidão, mas isso não significa que foram pacíficos e apáticos diante de uma situação de opressão. “Mas há um tipo de texto publicado sem muito destaque em quase todos os jornais,

listando as prisões efetuadas diariamente, deixando entrever suas rebeldias infinitas, evidenciando a não submissão à vida escrava.” (BARBOSA, 2016, p.135). No entanto, essa tentativa de contar uma história de submissão dos negros à escravidão não cabe mais, visto que a história que muitos de nós aprendemos é contada através da percepção de pessoas brancas. Os teóricos e teóricas negros nos apresentam uma outra perspectiva sobre o negro ao longo do percurso de criação do Brasil, que reforçam e ajudam na autoestima dos negros no século XXI.

No Brasil e em outro país existiram pessoas negras que contribuíram para a história, mas esses nomes são “apagados” da história. Zumbi dos Palmares é o nome mais lembrado de uma pessoa negra que é referência, no entanto, houve outros: Ernesto Carneiro Ribeiro, biomédico, professor, linguista e filólogo; João da Cruz e Sousa, poeta brasileiro; Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira; Luiz Gama, escritor, jornalista, advogado, e ninguém menos que o maior abolicionista do Brasil; Maria Escolástica da Conceição Nazaré, liderança religiosa símbolo da tolerância religiosa.

Bell Hooks traz em seu pensamento uma abordagem onde as pessoas negras precisam naturalizar seu olhar sobre si mesmas, para que consigam ultrapassar as barreiras do preconceito. Além dessas abordagens de pensadoras que contribuíram para a pesquisa, achou-se pertinente trazer fragmentos da Revista onde apareçam as marcas estabelecidas para a análise ou que de alguma forma explicassem o lugar dessa mulher na sociedade, como ela se posiciona diante de determinadas situações.

Peço que consideremos a perspectiva a partir da qual olhamos, questionando de modo vigilante com quem nos identificamos, quais imagens amamos. Se nós, pessoas negras, aprendemos a apreciar imagens odiosas de nós mesmos, então que processo de olhar nos permitirá reagir à sedução das imagens que ameaçam desumanizar e colonizar? É evidente que esse é o jeito de ver que possibilita uma integridade existencial que consegue subverter o poder da imagem colonizadora. Apenas mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos. Neste processo, buscamos criar um mundo onde todos possam olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhos. (Hooks, 2019, p.39)

Além desses autores, foram utilizados também Traquina (2005) e Franciscato (2005) para identificar o papel do jornalismo e explicar os conceitos de noticiabilidade, que foram importantes para a pesquisa.

No capítulo a seguir será apresentada a história do Jornal Zero ao qual pertence o suplemento usado nesta pesquisa.

5. JORNAL ZERO HORA

Após o golpe militar de 1964, o Jornal Última Hora passa a se chamar Jornal Zero Hora. Mais tarde, em 1965, a editoria passa para Maurício Sirotsky Sobrinho, que mudou o nome para Empresa Jornalística Sul-Riograndense S.A. Em 1975, o jornal passou a circular em todos os municípios do Rio Grande do Sul. Em 1984, tornou-se o quinto jornal mais lido do país. Em 1995, os conteúdos do Caderno Informática passam a ser publicados na internet semanalmente. Mas hoje o jornal está bem mais moderno, e conta com o portal de notícias GaúchaZH, que foi convergindo o conteúdo jornalístico da Rádio Gaúcha e do jornal Zero Hora na internet, substituindo os antigos websites dos dois veículos com a produção de conteúdo exclusivo de ambos para o meio digital. Hoje, GaúchaZH pode ser acessado por meio de navegador ou de aplicativo.

Segundo dados obtidos no portal da própria empresa, Zero Hora é o jornal de maior circulação no Rio Grande do Sul e possui uma sucursal em Brasília, conta com 11 cadernos, mais de 70 colunistas e equipes segmentadas. Atualmente, o Grupo RBS é uma empresa multimídia que possui 15 marcas em atuação aqui no Rio Grande do Sul: RBS TV, Zero Hora, Gaúcha, GaúchaZH, Diário Gaúcho, Atlântida, Pioneiro (Caxias do Sul), Rádio 92, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, Destemperados, *Donna*, 102.3 (Rádio Itapema), Farroupilha, CBN Porto Alegre e Clic RBS.

Atualmente o jornal Zero Hora conta com dez suplementos jornalísticos em suas edições: Caderno de esportes, Segundo Caderno, Viagem, *Donna*, Campo e Lavoura, DOC, Destemperados, Casa e Cia, Findi e o caderno Vida. Esses conteúdos são distribuídos nas versões impressas do jornal e na versão online, para quem é assinante. Existe a variação dos cadernos durante os dias da semana: em cada dia da semana é publicado um suplemento, exceto o segundo caderno, que sempre está nas edições do jornal.

Os suplementos são definidos como jornais à parte, como se fossem apêndices do jornal maior, como Zero Hora (jornal maior) > *Donna* (apêndice). Trata-se de um produto que trabalha material informativo especializado, que normalmente não conquista espaço nas edições diárias dos veículos. A função do suplemento, portanto, para além da segmentação da informação, é dilatar o significado de realidade, no sentido de ampliar as condições de produção de formas simbólicas de campos sociais que solicitam voz, ou seja, que busquem mais espaço de visibilidade na mídia.

Trabalhando numa outra temporalidade, a semanal, os suplementos, diferente dos jornais diários, podem dirigir o fio do enfoque das matérias, através de um conjunto de operações enunciativas que contêm um trabalho de semantização voltando-se para um contexto que ultrapassa os limites da própria temática do caderno. (ROCHA, 2006, p3)

Com esse conceito sobre os suplementos, pretendo analisar o seu real papel para o jornalismo e para a que se destina o seu conteúdo, para que assim responda o objetivo dessa pesquisa que é: compreender quais temas são mais associados às mulheres negras a partir de matérias publicadas na Revista *Donna*.

5.1. Revista *Donna*

A Revista *Donna* foi criada em 9 de maio de 1993, como sendo um novo produto com “reportagens, entrevistas e artigos voltados especialmente para as mulheres”. De acordo com a Associação dos Dirigentes de Marketing e Vendas do Brasil – ADVB/RS, quando em 2012 o caderno *Donna* se tornou revista, passou a uma das marcas com mais identificação da mulher gaúcha. Ainda segundo a ADVB, a preferência recai, mais precisamente, sobre as mulheres das classes A e B (74%) com idade predominante entre 20 e 49 anos e com interesse em saúde, bem-estar e qualidade de vida. Dentre outros interesses específicos desse público de destacam beleza e estética, moda e vestuário, regime, dieta e nutrição – temas que *Donna* já vinha trabalhando em seu caderno semanal.

A partir de dados do Grupo RBS, em 2012, o site *Donna ZH*, além de apresentar novidades no *layout*, apresenta um conteúdo mais voltado para o que as mulheres precisam nos dias corridos de hoje: dicas de beleza, moda, carreira, filhos, tudo com uma linguagem dinâmica.

Em 2017, *Donna* ganhou uma casa para chamar de sua, o *Donna Beauty Pompéia*, no Espaço Unisinos. O complexo promove uma experiência 360° para as leitoras, com café, estética, salão de beleza, loja conceito e redação da revista trazendo a conveniência para a mulher ter em um único lugar o que ela procura.

Segundo dados publicados pelo Grupo RBS, a Revista *Donna* é uma marca multiplataforma de conteúdo feminino que atua de diferentes formas na vida das gaúchas: revista, digital, *on air*, em eventos, produtos licenciados e complexo 360°. É a terceira maior em circulação entre as revistas femininas no Brasil e possui o maior número de leitoras no Rio Grande do Sul, com 477 mil leitores por edição e 137 mil exemplares em circulações semanais.

O *site* da revista reúne conteúdos também sobre beleza, moda, estilo de vida e comportamento. Ainda segundo informações levantadas no site do Grupo RBS, as redes sociais são um importante canal de diálogo com o público, tendo mais de 100 mil seguidores no Instagram, 200 mil *likes* na página do *Facebook* e mais de 600 mil seguidores no *Pinterest*.

Donna também tem um programa *Donna Break*, sob o comando da comunicadora Juju Massena, na rádio Itapema. O conteúdo do programa é voltado às mulheres com os conteúdos publicados em *Donna* durante a semana, com músicas pensadas para o público na plataforma. A atração vai ao ar aos sábados, das 13 h às 14 h.

A Revista tem em torno de 25 páginas, às vezes passando de 30 páginas e esse dado varia conforme sua edição, toda ela é colorida impressa em papel-jornal, com temas voltados para o que a Revista acredita ser de interesse das mulheres, com um viés muito mais aberto, para empoderar essa mulher leitora de *Donna*. Algumas edições de janeiro e fevereiro tiveram sua capa impressa em

papel couchê, se destacando do miolo da revista, que era em papel-jornal. Suas matérias predominam em moda, dicas de saúde, beleza, bem-estar, viagem, decoração, o que estará em alta na estação, entrevistas, sexo, dicas de passeios na “*Agendonna*”, além das colunistas.

A editora atual é a Patrícia Rocha, as editoras-assistentes são a Thamires Tancredi, que assumiu 19 edições das revistas analisadas para este trabalho, e a Renata Maynart que assumiu três edições. Sua editoria tem mulheres em sua maioria e apenas um homem, que é o responsável pelo desenvolvimento de negócios da revista. Dentre as mulheres há apenas uma mulher negra, que é a Camila Camargo, responsável pelo planejamento comercial de *Donna*. Camila é a criadora do programa *Negra, Sim!* e uma das fundadoras do *Grupo Afro* no Grupo RBS. Das colunistas, Duda Buchmann, é a única negra. Ela escreve sobre assuntos voltados para a mulher negra, tanto em algumas edições impressas quanto on-line, onde Duda tem um trabalho maior.

A revista *Donna* foi escolhida para ser o objeto, porque é local, se constitui em um suplemento, que de acordo com a própria Empresa Jornalística, tem uma longevidade e é voltado para o público feminino, o que permite tratar a questão da mulher negra. O objetivo é verificar como são tratados conteúdos relacionados à mulher negra. A partir desta premissa, pretende-se identificar como é a representação da mulher negra nesse produto jornalístico, que é mais direcionado aos públicos das classes A e B.

6. MULHER NEGRA NA REVISTA *DONNA*

Depois de fazer a leitura flutuante das 30 edições da Revista, encontrou-se 18 conteúdos que abordam temas relacionados ou sobre mulheres negras. Este material é constituído pelos editoriais, entrevistas, conteúdo de beleza, entrevistas internacionais, assunto das colunistas, entre outros que em algum tópico abordam a questão da raça e do racismo. As seções da Revista se constituíram no primeiro critério a ser observado para entender como são representadas as mulheres negras nas matérias publicadas nas edições impressas da Revista *Donna*. Identificou-se que a mulher negra aparece nas seções de cultura, beleza, especial, capa, entrevista, comportamento e editorial de moda. A figura a seguir traz dados sobre a porcentagem de matérias que abordaram, no recorte estabelecido de tempo, que foi de janeiro a julho de 2019, conteúdos que tratem da mulher negra.

Após, foi criada uma tabela de acordo com informações adquiridas pelo objeto. Em cada conteúdo que falasse sobre mulher negra, foram captadas, em forma de tabela, as seções em que esse conteúdo era exposto na revista, por exemplo, “seção beleza”; a seguir essa informação alimentava a tabela, que deu origem ao “gráfico seções” que aparece abaixo. São dados importantes para enxergarmos a relação de *Donna* com as mulheres negras e entender como é trabalhado esse público dentro da revista.

Para a realização dessa análise, foram escolhidas marcas que caracterizam todos os debates sobre a mulher negra como “racismo”, “representatividade” e “beleza”. Assim será apresentado o material jornalístico e as marcas nele contido. Ainda, serão aplicados os critérios de noticiabilidade estabelecidos por Traquina (2005), especificamente **proximidade** e **relevância**.

Gráfico 2 – Demonstrativo seções

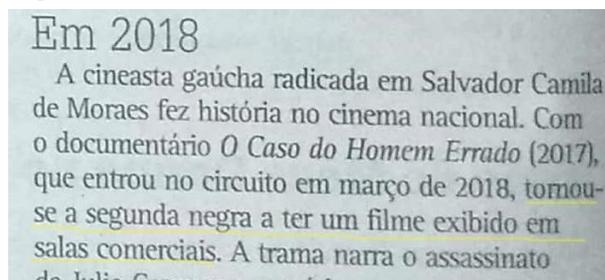


Autoria da aluna

Ressalta-se ainda nesse gráfico que, mesmo que a seção capa apresente valor de 15%, não necessariamente a mulher negra está nela. Do total do *corpus*, apenas em quatro capas as entrevistadas identificadas na análise estão presentes, as outras que entram na seção capa, fazem parte apenas da matéria que está sendo chamada na capa.

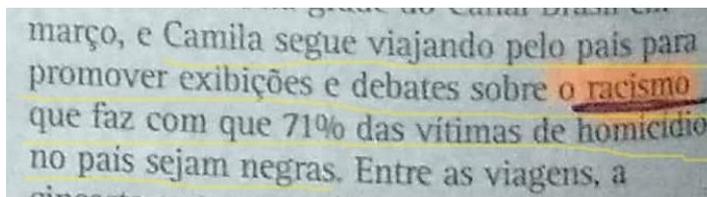
- **Edição 5 e 6 de janeiro 2019:**

Figura 1 – Matéria sobre a cineasta Camila de Moraes



Fonte: Revista *Donna*

Figura 2 – Camila fala falando sobre o seu trabalho



Fonte: Revista *Donna*

Página 6 – Seção cultura – O que elas vão aprontar em 2019

Resumo sobre o quê diferentes mulheres em suas respectivas profissões vão fazer de novo em 2019. Camila de Moraes é a segunda cineasta negra a ter um filme seu no circuito nacional. A nota traz um pouco da história de Camila, sobre documentários bem-sucedidos produzidos por ela. Além de Camila, a matéria traz a cantora Annadi, também negra, que fala de seus planos de agenda para o presente ano. As duas mulheres estão na página esquerda, Camila na parte superior e Annadi na inferior. No conteúdo sobre a cantora Annadi não foram identificadas marcas estabelecidas para esta análise.

Marcas: racismo

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Foram identificados os critérios de **relevância** e **proximidade**. Relevância foi um critério identificado, pois Camila se tornou a segunda cineasta negra a ter um filme seu no circuito nacional – *O caso do homem errado* –, que conta a história do operário gaúcho Júlio César, que por ser confundido com assaltante, foi morto pela Polícia Militar. O critério de proximidade se justifica por Camila ser gaúcha e ter trabalhado em seu documentário sobre um cidadão gaúcho, além de ativar a memória de quem lembra do ocorrido à época.

- Edição 5 e 6 de janeiro de 2019

Figura 3 – Cuidados com a pele negra



Fonte: Revista *Donna*

Figura 4 - Dicas para a pele



Fonte: Revista *Donna*

Página 8 – Seção beleza – Mitos e cuidados da pele negra

Matéria de página inteira produzida pela colunista Duda Buchmann, que fala sobre cuidados com a pele negra no verão. Ela falou com especialista para produzir o conteúdo. A matéria está na página esquerda.

Marcas: beleza

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Aqui não foram identificados os critérios de noticiabilidade estabelecidos para esta análise.

- **Edição 19 e 20 de janeiro de 2019**

Figura 5 – Box braids na cabeça



Fonte: Revista *Donna*

Figura 6 – Tranças que realçam a beleza

A técnica das box braids é uma das estilizações mais usadas por quem tem cabelo afro, por sua beleza, pela variação de cor e penteados possíveis e pela praticidade, já que acordamos

Fonte: Revista *Donna*

Página 18 – Seção beleza – Box Braids na cabeça

Mais uma matéria produzida pela colunista Duda Buchmann, em que a jornalista traz dicas para quem tem interesse em fazer as tranças (box braids). Ela entrevistou uma trancista para formalizar o conteúdo. “Não é legal dizer que está na moda algo que faz parte da cultura afro e negra há tanto tempo, mas, assim como o cabelo crespo natural, o preconceito com as tranças está se transformando em admiração pela sociedade.” Karina Delfyn – trancista.

Marcas: beleza

Critérios de noticiabilidade encontrados: Aqui não foram identificados os critérios de noticiabilidade estabelecidos para esta análise.

- Edição 26 e 27 de janeiro

Figura 7 – Relato da Monique

e isto foi fundamental para que passasse a amar o meu corpo e ser quem eu verdadeiramente queria.

Fonte: Revista *Donna*

Figura 8 – Relato da Monique dois

“Sou uma mulher gorda. Mas, antes de ser uma mulher gorda, sou negra. E isso nunca foi fácil.

Fonte: Revista *Donna*

Figura 9 – Monique se descobrindo mulher negra

minha etnia. Mesmo magra, não era aceita. E não era feliz. Pouco a pouco, comecei a me entender enquanto mulher negra,

Fonte: Revista *Donna*

Figura 10 – Mulheres



Fonte: Revista *Donna*

Páginas 9, 12, 13 e 14 – Seção capa - #Meu corpo de verão – A beleza de ser você

Matéria de capa, o especial sobre a aceitação do corpo traz o perfil de cinco mulheres que, através de suas histórias e vivências, passaram a se enxergar e se aceitar como são. O conteúdo trabalha com fotos e o perfil de cada uma delas. Dentre essas mulheres há apenas uma pessoa negra, que aparece nas páginas nove, doze, treze e quatorze. Com o subtítulo “Da minha cor e do meu tamanho” a entrevistada, Monique Machado, estudante de psicologia, fala sobre ser uma mulher gorda e negra e como isso não é fácil. Monique fala do racismo (não aparece a palavra racismo) e de como ela passou a se aceitar enquanto mulher gorda e negra. “Na minha cabeça, só quando eu fosse magra as pessoas iriam me aceitar, só com o corpo perfeito eu chamaria a atenção. Tudo o que eu fazia era para que meu corpo entrasse no padrão. Nem o black power e as tranças que uso hoje teriam chance naquela época em que vivia presa ao *mega-hair*. Depois de muitas tentativas, consegui: emagreci mais de 20 quilos. Aí, caiu a ficha: não era somente a questão estética que me impedia de alcançar o que eu queria. Era também a minha etnia. Mesmo magra, não era aceita. E não era feliz. Pouco a pouco, comecei a me entender enquanto mulher negra, e isto foi fundamental para que passasse a amar o meu corpo e ser quem eu verdadeiramente queria”. O perfil da Monique está na página esquerda, na parte inferior, e nas demais páginas em que ela aparece, suas fotos estão dispostas mais para o lado esquerdo das fotos e páginas também.

Marcas: beleza, representatividade e racismo

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Foi identificado o critério de **proximidade** porque a fonte é gaúcha.

- Edição 2 e 3 de março de 2019

Figura 11– Minha pele escura

– Sou negra, tenho a melanina escura, isso já me coloca em um lugar no Brasil. Existe uma não aceitação de pessoas negras e, por

Fonte: Revista *Donna*

Figura 12 – Reconhecimento

Tomou-se a segunda diretora (negra) a ter um filme exibido em circuito comercial, com o longa *O Caso do Homem Errado* – a primeira foi Adélia Sampaio, de *Amor Maldito* (1984).

Fonte: Revista *Donna*

Figura 13 – Representatividade

Filha de uma atriz e de um jornalista, ela cresceu sabendo que a cultura transforma e promove discussões. Sua trajetória inspira uma nova geração que quer representatividade. Para

Fonte: Revista *Donna*

Figura 14 – Racismo não escolhe idade

lugar na TV Quando o racismo bateu à porta de Maraia, sua sobrinha de 11 anos, Liliane confeccionou uma boneca de pano para mostrar que a menina não deveria se envergonhar do seu tom de pele. A triste

Fonte: Revista *Donna*

Figura 15 – Busca-se representatividade

– A minha consciência sobre representatividade veio muito tarde, não se falava de racismo na minha casa. A boneca fez cair a ficha da importância da representatividade, especialmente no mundo infantil. E daí começou um pedido aqui, outro

Fonte: Revista *Donna*

Figura 16 – Passado doloroso

Foi na adolescência que Lilitane K. L. de Oliveira Moraes se deu conta de que a sociedade a julgava pela cor de sua pele. Filha de uma empregada doméstica e de um funcionário do DMLU, ela lembra de um apelido que a acompanhou na escola: “macaca”. Cresceu negando seu cabelo black, forçando o fio a ficar liso com o “pente quente”, uma espécie de chapinha caseira. Também sonhou em ser Paqueta, mas reparou a falta de meninas negras ocupando aquele lugar na TV. Quando o racismo bateu à

Fonte: Revista *Donna*

Páginas 8 e 9 – Seção Especial – Elas fazem a diferença (prêmio *Donna*)

A matéria especial está na capa e ocupa três páginas da revista. O conteúdo é sobre mulheres inspiradoras, a partir da quarta edição do *Prêmio Donna Mulheres que Inspiram* em suas respectivas áreas de atuação. Dentre oito mulheres, duas delas são negras. A cineasta Camila de Moraes está entre as indicadas e ganha destaque porque se tornou a segunda diretora negra a ter um filme exibido em circuito comercial, com o longa *O Caso do Homem Errado* – a primeira foi Adélia Sampaio em 1984; trinta e cinco anos depois, Camila consegue o destaque. A cineasta sempre traz as questões do racismo em seus trabalhos. “Sou negra, tenho a melanina escura, isso já me coloca em um lugar no Brasil. Existe uma não aceitação de pessoas negras e, por achar isso injusto, tento lutar pelas melhores condições para essas pessoas. Impacta meu lado profissional, sempre trabalhei com cultura e com a questão negra”. A foto de Camila está disposta na página esquerda na parte inferior.

A segunda mulher é a Liliane de Oliveira, que produz bonecos e bonecas negros para ajudar na autoestima das crianças negras, que por falta disso crescem sem a representatividade para auxiliarem na construção de identidade desses indivíduos. A ideia dela se deu quando sua sobrinha

de apenas onze anos foi vítima de racismo. O preconceito foi presente na vida de Liliane, e ela quis amenizar e ajudar a sua sobrinha. Na matéria, ela fala que alisava o cabelo, negando sua raiz negra, pensou em ser paqueta, no entanto relatou que não tinham paquetas negras naqueles espaços. “A minha representatividade veio muito tarde, não se falava de racismo na minha casa”. A confecção das bonecas é ministrada na forma de oficinas para o público. “O ‘não’ sempre esteve muito atrelado à história dos negros e, hoje, sou reconhecida justamente por levantar a bandeira de que podemos estar onde quisermos. É uma vitória”. A foto e o perfil de Liliane estão no lado esquerdo da página, na parte do meio.

Marcas: representatividade e racismo

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Foram identificados os critérios de **relevância** e **proximidade** nas duas matérias. Camila e Liliane são aqui do Sul. **Relevância** foi encontrada, pois Camila de Moraes é a segunda diretora de cinema negra a ganhar espaço no circuito nacional e a matéria dos bonecos negros de Liliane ganha relevância porque existe a importância desses brinquedos para as crianças pretas, e de alguma forma impactará a vida delas.

- Edição 23 e 24 de março de 2019

Figura 17 – Crespa platinada



Fonte: Revista *Donna*

Página 22 – Seção Beleza – Platinada, sim!

Essa matéria é dedicada a dicas da colunista Duda Buchamann para as mulheres negras que desejam deixar os cabelos loiros; para isso, Duda falou com especialista em cabelos loiros para produzir o conteúdo. As dicas estão dispostas em página inteira do lado esquerdo.

Marcas: beleza

Critérios de noticiabilidade encontrados: Aqui não foram identificados os critérios de noticiabilidade estabelecidos para esta análise.

- Edição 30 e 31 de março de 2019

Figura 18 – Quem mais morre é o negro

o último Atlas da Violência, divulgado no ano passado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a taxa de homicídios entre negros cresceu mais de 23% entre 2006 e 2016, enquanto os assassinatos de pessoas não negras diminuiu 6,8%.

Fonte: Revista *Donna*

Figura 19 – Driblando obstáculos

todo mundo. Falar para as pessoas negras que somos fortes, que podemos estar onde quisermos. E para as pessoas brancas que é

Fonte: Revista *Donna*

Figura 20 – Mais uma vez a representatividade

Recebo muitas mensagens de mulheres negras falando da importância de estar onde estamos. Às vezes, por mais questões de racismo que a gente passe, que seja difícil, é importante estarmos ali. Porque, quando as meninas chegarem lá, vai estar mais fácil, mais acessível. São formas de invisibilizar

Fonte: Revista *Donna*

Páginas 12 até 19 – Seção capa – O exemplo vem delas (Prêmio *Donna*) A mulher certa

A matéria com o título *A mulher certa* traz a cineasta Camila de Moraes entre as vencedoras do prêmio. A entrevista com Camila está em duas páginas, na página doze (lado esquerdo) está a foto dela e na treze, o texto. O perfil traz diversas falas da cineasta, nas quais ela aborda a questão do racismo e da importância em se trabalhar estas questões em suas produções. “Fui criada assim, e isso fez com que continuasse militando, buscando melhores condições de vida para as pessoas. Quando vou fazer um filme, preciso falar sobre pessoas negras que são mortas desde sempre. Estamos em 2019 e continuamos vendo essas mortes.”

Além do filme e projetos, Camila fala do racismo enfrentado pelas pessoas negras desde sempre e que suas produções terão esse viés, de falar sobre racismo e da luta pelas narrativas como forma de contar a história dos negros.

Mesmo ganhando destaque com o seu trabalho, ela sofre com o racismo: “e o racismo, frisa Camila, não ficou somente nas telas. Única presença negra em inúmeros festivais, a cineasta já teve a foto “esquecida” nos materiais de divulgação de uma mesa de debates”. Participou de encontros em hotéis e precisou informar o número de cartão de crédito para garantir acesso – nenhum convidado passou pela mesma situação.

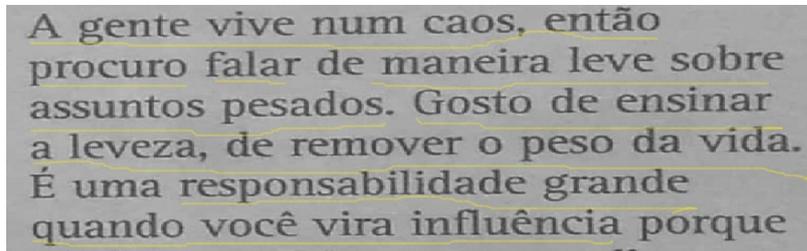
Marcas: racismo e representatividade

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Foi identificado o critério de **relevância** visto que Camila foi a vencedora do Prêmio Donna. Ela é a segunda cineasta negra a ter um filme no circuito de cinema brasileiro, fato que ganha destaque pela história da cineasta: enquanto mulher negra, ter ascendido em sua carreira e ganhando notoriedade, ainda mais quando falamos de um país racista marcado por longos anos em que pessoas negras foram escravizadas. “No ano passado, Camila entrou para a história do cinema brasileiro ao tornar-se a segunda diretora negra a ter um filme exibido em circuito comercial, com *O Caso do Homem Errado* – a primeira foi Adélia Sampaio, de *Amor Maldito* (1984)”.

Proximidade porque ela é gaúcha, e de alguma forma desperta a memória através do documentário que a levou a chegar no circuito de cinema, *O caso do homem errado*, que ativa a lembrança dos portoalegrenses na época do ocorrido. “O caso teve grande repercussão e foi documentado pelo repórter fotográfico Ronaldo Bernardi, de Zero Hora. Ele acompanhou Júlio César sendo colocado em uma viatura policial, vivo, no bairro Partenon. Logo depois, ao chegar ao Hospital de Pronto Socorro, o operário apareceu morto com um tiro no tórax.”

- Edição 13 e 14 de abril de 2019

Figura 21 – A voz da Karol



A gente vive num caos, então procuro falar de maneira leve sobre assuntos pesados. Gosto de ensinar a leveza, de remover o peso da vida. É uma responsabilidade grande quando você vira influência porque

Fonte: Revista *Donna*

Páginas 6 e 7 – Seção Entrevista – O poder de Karol Conka

Entrevista com a rapper Karol Conka, que fala sobre a vida, carreira enquanto cantora e apresentadora, do feminismo e outras questões. A matéria ocupa uma página e meia, a foto de Karol está no lado esquerdo superior.

Marcas: Representatividade

Critérios de noticiabilidade encontrados: Aqui não foram identificados os critérios de noticiabilidade estabelecidos para esta análise.

- Edição 20 e 21 de abril de 2019

Figura 22 – Mulher negra no mundo

Jessica Nabongo, de 34 anos, está em uma missão. Ela quer se tornar a primeira mulher negra a visitar todos os países do mundo. Já

Fonte: Revista *Donna*

Figura 23 – Perigo

- Em muitas cidades europeias que visitei - como Barcelona, Madri, Roma, Milão -, mulheres negras correm mais riscos porque

Fonte: Revista *Donna*

Figura 24 – Medo para viajar

Mas Jessica observou que, sendo uma negra que viaja desacompanhada, tem de lidar com outras questões de segurança, ansiedade e medo:

Fonte: Revista *Donna*

Figura 25 – Somos invisíveis

algumas pessoas pensam que somos prostitutas. Meu medo constante é de ninguém se importar caso algo aconteça comigo em uma cidade europeia. Posso sair gritando em alguma rua na Itália, mas quem estiver por ali não vai se importar, porque sou negra

Fonte: Revista *Donna*

Páginas 6 e 7 – Seção comportamento – Um alerta para quem viaja sozinha

Aqui temos uma matéria internacional, do *The New York Times*, que traz três mulheres e suas histórias enquanto viajavam sozinhas pelo mundo. Jessica Nabongo, uma das entrevistadas, é negra, além de ser mulher, fatores que aumentam a ansiedade e a insegurança dela. Ela quer se tornar a primeira mulher negra a viajar por todos os países. “Em muitos países que visitei – como Barcelona, Madri, Roma, Milão –, mulheres negras correm mais riscos porque algumas pessoas pensam que somos prostitutas. Meu medo constante é de ninguém se importar caso algo aconteça comigo em uma cidade europeia.” Jessica Nabongo. A foto de Jéssica está disposta no lado esquerdo superior.

Marcas: Racismo e representatividade

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Aqui não foram identificados os critérios de noticiabilidade estabelecidos para esta análise.

- **Edição 4 e 5 de maio de 2019**

Figura 26 – É preciso falar do racismo

Homenageada nesta edição da Festipoa, Sueli é uma das grandes responsáveis por transformar o feminismo no Brasil. Ela ajudou - e ainda ajuda a cada nova frase que profere - a entender que existem questões que só quem é negra passa. Só quem é negra entende. Mas que

Fonte: Revista *Donna*

Figura 27 – Vozes contra o preconceito

Ela é mestre em Filosofia, mas tem sua inteligência posta a prova por quem reduz seus argumentos a mimimi. Djamila enfrenta, todos os dias, uma realidade que só quem é negro neste país racista sabe: a descrença sobre sua capacidade, sobre sua idoneidade, sobre seu caráter. Ouvi-la falar por quase

Fonte: Revista *Donna*

Figura 28 – Indignação

Um profissional que já ouviu coisas como “matar negro é adubar a terra”.

Fonte: Revista *Donna*

Página 31 – Coluna da jornalista Thamires Tancredi – Da cor da luta

A coluna da jornalista é uma página inteira, na página do lado direito, acompanhada das fotos de Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro e Márcio Chagas, expostas uma embaixo da outra. Ela trata do Festipoa Literária, que aconteceu na UFRGS no mês de maio. O evento contou com a presença da escritora Sueli Carneiro, homenageada na oposição, e da filósofa Djamila Ribeiro. Em sua coluna, Thamires aborda a questão do racismo sofrido pelos negros diariamente, perpassando

pelos pensamentos das duas convidadas. É trazido também o relato do árbitro de futebol, Márcio Chagas de Silva, que já ouviu a seguinte frase: “matar negro é adubar a terra”. A jornalista se posiciona em tom bastante pessoal sobre o assunto e fecha a coluna agradecendo aos três personagens trazidos por ela em seu texto. “Ouvir é o primeiro passo para (ao menos) tentar se solidarizar com o outro. E levantar a voz quando o tio babaca fizer piadinha. Questionar o canto racista no estádio. São situações que quem não é negro jamais vai entender. Mas, como ser humano deveria ter a obrigação moral de lutar contra. Djamila, Sueli e Márcio, obrigada por serem voz ativa”. Thamires Tancredi - coluna.

Marcas: Racismo

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Aqui não foram identificados os critérios de noticiabilidade estabelecidos para esta análise.

- Edição 18 e 19 de maio de 2019

Figura 29 – Beleza



Fonte: Revista *Donna*

Página 8 – Seção 360° (com Lucy Ramos)

Aqui a atriz Lucy Ramos responde perguntas curtas sobre curiosidades da sua vida. A matéria está na página do lado esquerdo, com a foto da atriz e as perguntas e respostas ao seu redor, formando um ângulo 360°.

Marcas: beleza

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Aqui não foram identificados os critérios de noticiabilidade estabelecidos para esta análise.

- **Edição 18 e 19 de maio**

Figura 30 – Voando alto

de Fernanda Lima. No início deste ano, foi convidada

Fonte: Revista *Donna*

Figura 31 – Reconhecimento internacional

pelo governo francês a participar do programa Personalidades do Amanhã, projeto que escolhe um representante por país da América Latina e Caribe por sua projeção atual e impacto no futuro. A agenda não tem

Fonte: Revista *Donna*

Figura 32 – Diversas temáticas

negras. Na entrevista a seguir, Djamilá discorre sobre racismo, feminismo e, claro, as questões sociais que permeiam nossa vida hoje.

Fonte: Revista *Donna*

Figura 33 – Passando ensinamentos

A sociedade é racista e você tem que ensinar sua filha como se fortalecer para enfrentar isso. Dois

Fonte: Revista *Donna*

Figura 34 – Queremos nossos espaços

Recentemente, um evento em São Paulo teria 18 poetas, todos brancos. O público foi para cima e o evento foi cancelado. As pessoas precisam entender que a gente não vai mais aceitar isso. Muitas vezes, é visto como agressividade, dizem que "agora a gente nem pode mais fazer os nossos eventos". Se esses eventos estão contemplando apenas um tipo de voz num país de maioria negra, em que existem homossexuais, mulheres negras, não têm como essas coisas acontecerem. Hoje

Fonte: Revista *Donna*

Figura 35 – Djamila

Fonte: Revista *Donna*

Páginas 10,11,12,13 e 14 – Seção Capa – Mulher de luta

A entrevista com a filósofa Djamila Ribeiro é a mais extensa encontrada no *corpus* analisado. Foi feita por Thamires Tancredi com colaboração da Camila Camargo (planejamento comercial), ocupando cinco páginas da revista; a longa conversa com a Djamila traz questões pessoais da pensadora, que vão desde a criação da sua filha e como ela lida com questões raciais com a menina. “A sociedade é racista e você tem que ensinar sua filha como se fortalecer para enfrentar isso.” Ela fala também do racismo estrutural e sua percepção sobre o assunto. “Sempre dou um exemplo da USP que é surreal: no departamento de Filosofia, só há professores que são homens brancos, e quando você vai ao banheiro, todas as terceirizadas são mulheres negras. O problema é que as pessoas naturalizam esses lugares, pensam que é natural uma mulher negra estar num papel de submissão e servidão.”

A matéria tem fotos de Djamila; na abertura da matéria, há um retrato bem focado, na segunda foto a filósofa está sentada sorrindo e a última foto, bem focada também, traz seu rosto olhando para baixo.

Marcas: racismo

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Foi identificado o critério de **relevância**, pois Djamila se tornou um dos grandes nomes da atualidade no quesito feminismo negro e luta contra o racismo. A filósofa foi convidada pelo governo francês para participar do programa Personalidade do Amanhã.

• Edição 1º e 2 de junho

Figura 36 – Pele



Fonte: Revista *Donna*

Página 15 – Seção beleza – Pele desbotada?

A matéria vem do *The New York Times*, onde é falado sobre os cuidados com a pele negra no inverno, ocupando página inteira, o conteúdo está publicado na página do lado direito. Há uma foto de uma mulher negra de perfil

Marcas: beleza

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Aqui não foram identificados os critérios de noticiabilidade estabelecidos para esta análise.

- Edição 8 e 9 de junho 2019

Figura 37 – É possível

Você foi uma das criadoras do Plano de Menina e agora é embaixadora do projeto que conecta meninas a mulheres que fazem a diferença na sociedade. Qual a importância de se pensar nessas ações diretas de empoderamento?

É muito importante porque, muitas vezes, essas meninas encontram uma toxicidade cultural dentro das próprias famílias. Por exemplo, elas expressam o desejo de serem dentistas ou advogadas e escutam coisas do tipo "Você já viu uma dentista negra? Ou uma advogada negra? Não é pra gente". Ou seja, são meninas cheias

Fonte: Revista *Donna*

Figura 38 – Politicamente correto

comunicações de grandes marcas hoje já fazem catálogos só com pessoas negras, sendo que até esses dias tinha uma asiática e uma negra do lado da loira, como acessórios, justificando um politicamente correto.

Fonte: Revista *Donna*

Figura 39 – Corpos negros não são objetos

Sou aceita, mas sou exceção que não é aceita como tal. Sou o ato político. Por exemplo, esses tempos fui a um almoço na Fazenda Boa Vista e uma senhora da elite começou a fazer as minhas tranças voarem. Imagina se eu chegasse naquele evento e começasse a mexer nos cabelos dela?

Mas é que ela não sabia lidar com a minha diferença. Não percebe que, porque o corpo negro foi objetificado por séculos, ela está tocando meu corpo achando que pode. Mas não pode.

Fonte: Revista *Donna*

Páginas 14 e 15 – Seção entrevista - “Diversidade quer dizer negócio”

A ex-consulesa, Alexandra Loras, fala de empreendedorismo e representatividade. Loras é filha de um imigrante de Gana e de uma francesa, sempre circulou na elite.

“Uma menina negra que se enxerga nessa publicidade vai se empoderar, vai ver que é capaz de chegar lá e vai se desprender da narrativa da novela onde ela só ocupa papel de faxineira. E esse movimento vai influenciar também nessas novelas, em seus roteiros. Assim vamos construindo uma sociedade melhor na sua dinâmica igualitária e democrática.”

Loras é embaixadora e criadora do projeto Plano de Menina, que ajuda meninas a se empoderarem. “Por exemplo, elas expressam o desejo de serem dentistas ou advogadas e escutam coisas do tipo ‘Você já viu uma dentista negra? Ou uma advogada negra?’ Não é pra gente”.

A ex-consulesa fala de uma festa em que estava e que uma senhora não parava de mexer em suas tranças. Alexandra viveu na elite, e mesmo essa condição não evitou que ela e seu corpo fossem vistos como algo exótico. “Sou aceita, mas sou exceção que não é aceita como tal. Sou o ato político. Por exemplo, esses tempos fui a um almoço na Fazenda Boa Vista e uma senhora da elite começou a fazer as minhas tranças voarem. Imagina se eu chegasse naquele evento e começasse a mexer nos cabelos dela? Mas é que ela não sabia lidar com a minha diferença. Não percebe que, porque o corpo negro foi objetificado por séculos, ela está tocando meu corpo achando que pode. Mas não pode.” Na matéria, Loras tem sua foto bem no meio das duas páginas em que sua entrevista ocupa.

Marcas: racismo e representatividade

Critérios de noticiabilidade encontrados: Aqui foi identificado o critério da **relevância**, pelo fato de Alexandra ser ex-consulesa e negra. Ela já ocupou um cargo de importância e hoje mantém um projeto para ajudar a autoestima de meninas negras.

- Edição 22 e 23 de junho

Figura 40 – Falando de cabelo



Fonte: Revista *Donna*

Página 7 – Seção beleza – Cachos incríveis, ativar!

Aqui, a criadora do perfil *@umacrespa*, Pâmela Machado, fala de dicas de cremes e outros produtos para os cabelos crespos. A matéria ocupa uma página inteira e está disposta na página do lado direito.

Marcas: beleza

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Aqui não foram identificados os critérios de noticiabilidade estabelecidos para esta análise.

- Edição 29 e 30 de junho

Figura 41 – Buscando referências

Ariela admira brasileiras como Gisele Bündchen e Carol Trentini, mas sabe a importância de ter entre suas referências tops negras como Naomi Campbell, Iman Abdulmajid e Ebonee Davis. A diversidade na moda é um dever, não um favor, defende:

Fonte: Revista *Donna*

Figura 42 – Qual é o perfil?

E quem dera que a lista de dificuldades parasse por aí: a baiana luta contra o racismo desde o início da carreira.

– Fui uma das primeiras modelos negras de algumas agências e cheguei a escutar coisas de clientes como “não podemos trabalhar com esse modelo pois a luz vai ficar muito escura” ou “não estão acostumados com esse perfil”.

Fonte: Revista *Donna*

Página 18 – Seção capa – A estrela de Ariela

A matéria fala com a modelo Ariela Soares. A *top* fala dos desafios durante a sua carreira e como outras modelos negras foram referência para ela nessa jornada. “A inclusão de raças, shapes, gênero, orientações sexuais e todas as expressões pessoais simbolizam evolução”.

“Fui uma das primeiras modelos negras de algumas agências e cheguei a escutar coisas de clientes como ‘não podemos trabalhar com essa modelo pois a luz vai ficar muito escura’ ou ‘não estão acostumados com esse perfil’. Às vezes era apenas um ‘obrigado’ e tchau”.

Marcas: racismo

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Aqui não foram identificados os critérios de noticiabilidade estabelecidos para esta análise.

- Edição 13 e 14 de julho de 2019

Figura 43 – Mulher negra na tecnologia



Figura 44 – Ser exemplo

- Se hoje temos uma tecnologia tão avançada, é por causa da contribuição feminina lá no início. Precisamos dar visibilidade a elas para aumentar o número de referências - defende Desiree.

Figura 45 – Luta pela causa

pardas. Na empresa, Desiree participou da criação do Quilombolas, um grupo de formação e discussão de questões relativas à raça.

- Sei que vivo numa bolha - entende.

Enquanto no trabalho aprendia mais sobre a história dos quilombos e despertou para sua negritude, fora dali ainda lidava com o preconceito.

A frequência de seguranças a seguindo quando entrava em um mercado a fez desenvolver uma defesa: pegar um cestinho como quem diz "ó, estou aqui para comprar". À medida

Páginas 9 e 10 – Seção capa – Trabalhe como uma mulher – Mulher Negra e “maker”

Essa matéria pertencente a uma nova série da Revista *Donna* que conta as histórias de inspiração de mulheres em seus ambientes profissionais.

Desiree é consultora de software em uma multinacional. Na entrevista ela fala da sua trajetória na tecnologia, de poucas mulheres nesse meio, de ser uma mulher negra desenvolvendo tecnologia. Desiree participou da criação do Quilombolas, que é um grupo de formação e discussão de questões raciais.

Marcas: representatividade

Crítérios de noticiabilidade encontrados: Aqui não foram identificados os critérios de noticiabilidade estabelecidos para esta análise.

Após essa análise identificou-se que a marca **racismo** aparece em grande parte das matérias, enquanto as marcas **representatividade** e **beleza** aparecem em boa parte dos conteúdos que falam sobre mulheres negras na revista *Donna*. Em um conteúdo não foram identificadas as marcas estabelecidas para a pesquisa. As três marcas, **racismo**, **beleza** e **representatividade**, aparecem apenas em um conteúdo, as marcas **racismo** e **representatividade** aparecem juntas em quatro conteúdos e a marca **beleza** aparece sozinha em sua maioria dentro das matérias

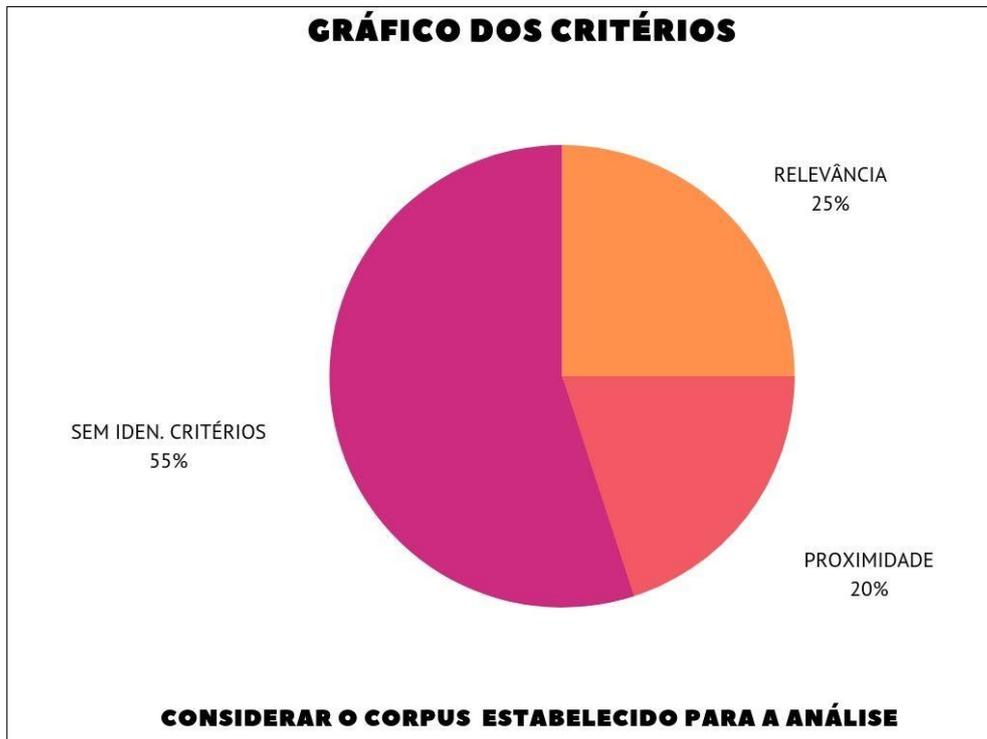
Gráfico 3 – Marcas identificadas



Autoria da aluna

Após esta análise, usando como base os critérios jornalísticos de relevância e proximidade, identificou-se que em 55%, ou 11 matérias, trazidas em *Donna*, não houve presença dos critérios estabelecidos; já o critério da **relevância** se fez presente em cinco matérias e a **proximidade** em quatro.

Gráfico 4 – Critérios identificados



Autoria da aluna

Com a leitura desses dados, observa-se que a revista traz conteúdos sobre mulheres negras muito similares entre si, onde a marca **racismo** está exposta em boa parte desse conteúdo. A marca **representatividade** está exposta nos conteúdos também, já que muitas das entrevistadas são mulheres, que, de alguma forma, servem de influência para outras, seja através do seu trabalho ou pelas falas trazidas nas matérias; mesmo quando o conteúdo dá a entender que vai falar sobre outra coisa, a questão racial é abordada em alguma parte das matérias. A marca da **beleza** se faz presente quando se fala do cabelo e da pele da mulher negra. Duda Buchmann, colunista de *Donna* e mulher negra, é jornalista que fala dessa marca (beleza) na maior parte do *corpus* usado para a análise.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a entender como é representada a mulher negra na revista *Donna*; essa era uma dúvida que me perseguia desde muito tempo. Decorre desta curiosidade a formulação do objeto de estudo tendo como base a leitura e análise de 30 edições da revista *Donna*, do período de janeiro a julho de 2019, com o intuito de verificar de que maneira funciona a abordagem deste suplemento sobre as mulheres negras. Para o desenvolvimento da análise foram utilizados os conceitos de Bardin (2011) sobre Análise de Conteúdo, que possibilitou estabelecer marcas (beleza, representatividade e racismo) fundamentais para o trabalho. Em cada matéria foram identificadas essas marcas e, além disso, os critérios de noticiabilidade Traquina (2005), para entender como *Donna* trabalha em seus conteúdos. Foram captados fragmentos das matérias onde se identificou as marcas, para a melhor visualização e entendimento do leitor.

A partir das análises realizadas e do referencial teórico que sustentou o estudo, chegamos à conclusão de que *Donna* trabalha a mulher negra em suas páginas, muito a partir dos relatos das entrevistadas. Existe em quase todas as entrevistas algum tipo de relato sobre o racismo que elas enfrentam ou já enfrentaram e identificamos que a problematização do racismo parte das fontes, o que não deixa de ser uma forma de representatividade, a partir do meu entendimento, e mostra também a sociedade racista em que a gente vive. No entanto, chamou a atenção no estudo o fato da revista, que é um produto gaúcho, ter trazido quatro fontes gaúchas, sendo que uma delas não morava mais no Rio Grande do Sul. Interessante foi perceber que na coluna de Thamires Tancredi, na edição dos dias 4 e 5 de maio, onde ela fala sobre o Festipoa Literário e já coloca a questão do racismo na sociedade, utilizando os personagens Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro e Marcos Chagas da Silva, o que se apresenta é o ponto de vista de uma mulher branca para o desenvolvimento do texto.

Outro dado que identificamos foi sobre a colunista Duda Buchmann, que apareceu em três revistas das 18 que abordam as mulheres negras, e Duda sempre trouxe a marca “beleza” nos seus conteúdos. Além disso, na entrevista com Djamila Ribeiro, nas edições do dia 18 e 19 de maio, a maior matéria captada sobre assunto, foi onde mais se falou sobre as questões de raça, feminismo e representatividade. Em suma, percebemos que a revista *Donna* tenta representar a mulher negra em suas páginas, no entanto, a partir desse trabalho, também percebemos que ainda é pouco. Por mais que exista uma tentativa de trazer as mulheres negras para a revista, a imagem das entrevistadas sempre é colocada juntamente às questões raciais, o que nos pareceu “é negra, só fala de negritude”; obviamente é uma pauta que não pode ser esquecida, no entanto sempre ligar a mulher negra com essa temática é uma maneira de limitá-la a falar somente sobre isso. Por exemplo, na matéria da Alexandra Loras, ex consulesa da França, é um fato que ganha destaque “uma mulher negra consulesa”, a sociedade não está com o olhar acostumado a ver mulheres negras em lugar de destaque. Ela vira notícia por isso e sempre haverá a abordagem da questão racial, por ela ser uma mulher negra que vive no meio da elite, como ela mesma traz na matéria.

Outro fato da análise que chamou atenção foram as matérias que falam sobre o cabelo das mulheres negras, sejam com dicas, penteados ou cuidados; obviamente que o cabelo da mulher negra representa identidade, no entanto as mulheres negras são muito mais que cabelo e podem e devem ser vistas como indivíduos que podem falar sobre assuntos variados. Por fim, esta pesquisa aponta para duas conclusões. Primeiro, que embora pequeno o espaço e a forma como é tratada a mulher negra na Revista Donna, não se pode ignorar que são conquistas importantes; segundo, que toda a fala sobre racismo ficou por conta das fontes e nunca por conta da própria linha editorial da Revista.

8. REFERÊNCIAS

Atlas da Violência. Ipea Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432. Acesso em: 28/08/2019.

BARBOSA, Marialva. **Escravos e o mundo da comunicação: oralidade, leitura e escrita no século XIX** / Marialva Barbosa. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida** / Sueli Carneiro; Prefácio Conceição Evaristo, Apresentação Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais.** São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 20005.

FONSECA, Cauã. **Donna 25 anos: as capas e os temas mais marcantes da Revista desde 1993, ano a ano.** Gaúcha ZH. Data da publicação: 13/05/2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2018/05/donna-25-anos-as-capas-e-os-temas-mais-marcantes-da-revista-desde-1993-ano-a-ano-cjpijq0uc006a8icnuldyvnbq.html>. Acesso em: 15/06/2019

GOMES, Irene; MARLI, Mônica. **IBGE mostra as cores da desigualdade:** <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>. Data da publicação: 11/05/2018. Seção: Revista Retratos. Acesso em 14/06/2019.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HERMES, Felipe. **7 personagens negros da história do Brasil mais importantes que Zumbi (e que você deveria conhecer).** Spotniks: Disponível em; <https://spotniks.com/7-personagens-negros->

[da-historia-do-brasil-mais-importantes-que-zumbi-e-que-voce-deveria-conhecer/](#). Acesso em 04/11/2019.

HOOKS, bell. **Olhares negro: raça e representação** / bell hooks; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JORGE, Thais de Mendonça. **Notícia em fragmentos: análise de conteúdo no jornalismo**. (Série Jornalismo e Sociedade. V 2) Florianópolis: Insular, 2015.

MARTINS, Rodrigo; e Martins, MIGUEL. **Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil**. Carta Capital.

Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil/> Acesso em: 14/06/2019.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ,05/11/03. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>

Nossas marcas: Grupo RBS. Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>. Acesso em: 14/08/2019.

Nova Revista Donna — **envolvimento e qualidade agora em novo formato**. ADVBRS. Disponível em: <http://www.advb.com.br/site/noticia/nova-revista-donna-%E2%80%94-envolvimento-e-qualidade-agora-em-novo-formato/>. Acesso em: 14/08/2019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala** / Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ROCHA, Sibila. **Suplementos Jornalísticos e Universidade: Informação ou imagem**. Artigo: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós – Dezembro de 2006. Disponível em: file:///C:/Users/3green/Downloads/120-Texto%20do%20artigo-356-1-10-20080619.pdf

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional/** Nelson Traquina - Florianópolis: Insular, 2005.

WERNECK, Jurema. **Mulheres negras na primeira pessoa.** / Organizadoras Jurema Werneck, Nilza Iraci, Simone Cruz. Porto Alegre: Redes Editora, 2012.